



ELO



**ÓRGÃO
DA ASSOCIAÇÃO
DOS DEFICIENTES
DAS FORÇAS ARMADAS**

Ano XVII — N.º 203

DIRECTOR: PATULEIA MENDES

Mensário — OUTUBRO 1991 — 80\$00

XX ASSEMBLEIA GERAL DA FMAC HELSÍNQUIA — 20/24 OUT91



Foto cedida por «A Paz é possível em Timor Leste»

**ADFA
SOLIDÁRIA
COM TIMOR
LESTE
E O SEU POVO**

fez aprovar, tal como já o havia feito em Bangucoque/90, documento sobre «o respeito pelo Direito Internacional»

Tornadas também «Resoluções», as nossas propostas sobre «pensões de viúvas de guerra» e «criação e apoio às associações de vítimas de guerra e de antigos combatentes»

VIDA ASSOCIATIVA

Reuniões/jornadas de trabalho de órgãos sociais centrais e regionais, por todo o País, aniversários do «Elo» e da delegação do Porto, festas de Natal, fazem do final do ano de 91 um período de grande dinamização e participação de todos na vida associativa

APRESENTADO PUBLICAMENTE

«MONUMENTO AOS COMBATENTES DO ULTRAMAR»

Agenda

Direcção Central

Vários foram os acontecimentos e actos a que compareceram, em representação da ADFA, alguns dos elementos da Direcção Central, nomeadamente «Lisboa no rio» (1.º Secretário, Patuleia Mendes), 2.º aniversário da ACAPO (Vice-Presidente, António Miranda e 1.º secretário), assim como o responsável pela DASC Major Jorge Maurício) e exposição «Monumento aos combatentes do Ultramar» (2.º Secretário Artur Vilares),

para além, é claro, da XX Assembleia Geral da FMAC.

No entanto, em «Agenda» apenas de inscreve este pequeno apontamento, já que de tudo se dá notícias mais alargadas em outros espaços desde ELO.

Vigário-geral castrense

À hora a que está a ser feito este ELO, a Direcção Central está a ser recebida pelo Vigário-Geral Castrense e Capitão-Chefe das Forças Armadas, D. Januário Ferreira, pelo que só em Novembro nos é possível dar mais pormenores sobre este encontro.

«Elo» de Setembro NOTA

Por um arrelizador erro de contagem, o número indicado para a edição do «Elo» de Ago./Set. foi inferior ao que deveria ter sido, pelo que alguns sócios, mesmo que poucos, sempre demasiados para o serviço que sabemos que temos de prestar, não o receberam.

Porque só foi constatado tal facto ao serem cintados e enviados os jornais, já não

era possível aumentar a respectiva tiragem. Assim, imediatamente remeteu o nosso Director uma carta explicativa aos sócios prejudicados, apresentando, para além das devidas desculpas, a possibilidade de, caso pedido, ser enviada uma fotocópia desse «Elo».

Aproveitando para de novo lamentar o sucedido, é com agrado e reconhecimento que registamos a forma compreensiva como este erro foi recebido pelos leitores, alguns dos quais nos escreveram nesse sentido.

TRABALHADOR precisa-se

A ADFA, para a sua área associativa e de informação (DASC), na Sede, em Lisboa, abre concurso para a admissão de trabalhador que preencha os seguintes requisitos:

- sócio da ADFA;
 - conhecimentos na área administrativa e facilidade em relações humanas;
 - disponibilidade para horário completo e, eventualmente, pós-laboral e fins-de-semana, implicando algumas deslocações externas, nomeadamente a Delegações e Núcleos.
- Dar-se-á preferência a quem tenha:
- 11.º ano ou equivalente;
 - boa capacidade de expressão e redacção;
 - carta de condução de ligeiros.

As propostas, em carta fechada, com currículo e outros dados que se considerem de interesse, deverão dar entrada no «Serviço de Pessoal» (DAGEF)/ADFA, Palácio da Independência, Lg. de São Domingos, 1194 LISBOA CODEX, até ao próximo dia 22 de Novembro.

Após esta data, serão os candidatos sujeitos, oportunamente, a provas de selecção, a efectuar na Sede.

2.º aniversário da ACAPO

Fundada, como se sabe, em 20 de Outubro de 1989, pela fusão das Associações de Cegos Luís Braille, Associação de Cegos do Norte de Portugal e Liga de Cegos João de Deus, a Associação de Cegos e Amblíopes de Portugal — ACAPO, levou a efeito, a comemorar o seu 2.º aniversário, várias actividades e cerimónias alusivas.

Assim, no dia 17 de Outubro, e no Teatro Municipal de São Luiz, realizou-se um sarau com a participação de músicos e cantores cegos e amblíopes, numa magnífica demonstração da capacidade e da qualidade de todos os artistas, desde pianistas a acordeonistas e guitarristas, passando por cantores líricos, ligeiros e fadistas, não esquecendo o já conhecido, embora jovem, grupo Sol a Sol, de música popular portuguesa.

Entretanto, no intervalo, fez-se entrega de «testemunhos de gratidão» a entidades e pessoas singulares por serviços prestados à ACAPO ou de interesse relevante para cegos e amblíopes, assim como se homenagearam os atletas que participaram nos campeonatos europeus de atletismo para deficientes visuais (Caen, França), onde conquistaram sete medalhas.

No dia 18, pelas 15 horas, e com o apoio da Câmara Municipal de Lisboa e da Junta de Freguesia de St.ª Catarina, foi descerrada, no prédio n.º 5 da que então era a Rua do Carvalho (hoje, Luz Soriano), ao Bairro Alto (e, por curiosidade, ali tão perto da Biblioteca Camões, para deficientes visuais), uma placa comemorativa do nascimento, no local, e, precisamente 130 anos antes, de Branco Rodrigues, professor e homem ilustre que, em finais do século XIX e princípios do XX, remando contra marés e incompreensões (ainda maiores do que algumas de hoje...), não só criou o «Jornal de Cegos», como também conseguiu fundar as primeiras escolas profissionais para o ensino de invisuais, fazendo, a expensas suas, o que terá sido o primeiro inquérito, em Portugal, sobre a situação destes deficientes.

ELO gostaria aqui, por tão actual, recordar a seguinte afirmação deste grande tiflólogo português, publicado no citado «Jornal de Cegos», já em 1908: «A ociosidade é mais custosa para os cegos do que para as pessoas que têm vista. E dos dois males, a ociosidade é mais penosa do que a cegueira.»

No dia 19, em colaboração com a ONCE (Organização Nacional de Cegos Espanhóis) e o IIEFP (Instituto do Emprego e Formação Profissional), foi realizada uma conferência, em Lisboa, que, subordinada ao tema «A inserção socioprofissional dos fisioterapeutas cegos e amblíopes», permitiu uma ampla informação e troca de opiniões e experiências entre os técnicos intervenientes, com o objectivo de reabrir a discussão de problemas que se colocam aos fisioterapeutas deficientes visuais e de procurar as suas melhores soluções.

Finalmente, no dia 20, e encerrando as comemorações, foram inauguradas as novas instalações do refeitório da Delegação Regional de Lisboa, da ACAPO, na Rua de Santa Marta, pretexto para um beberete de confraternização em que participaram algumas dezenas de sócios, familiares e convidados.

Dia Mundial da Bengala Branca

Entretanto, foi, a 15 de Outubro, comemorado, no Porto, e numa acção conjunta da ACAPO, do Instituto de São Manuel e do Centro Regional de Segurança Social do Porto, o Dia Mundial da Bengala Branca com uma conferência sobre orientação e mobilidade de deficientes visuais, que contou, para além de técnicos nacionais, com representantes da ONCE, já que se pretendia sensibilizar e informar da situação dos cegos na Península Ibérica, no que respeita à educação, reabilitação e integração.



Seminário «Lisboa no Rio»

No passado dia 26 de Setembro, a Câmara Municipal de Lisboa/Departamento de Cultura, com organização da revista áudio «Dinamização Cultural», da Divisão de Bibliotecas e Documentação, proporcionou, a bordo do cacilheiro «Marvila», um seminário subordinado ao tema «Lisboa no rio: humor, poesia, história, música...», o qual teve, como principais destinatários, pessoas cegas, amblíopes e com outras deficiências.

Com um tempo que muito ajudou ao sucesso de tal iniciativa, os «passageiros» desta agradável viagem subiram a bordo no cais do Terreiro do Paço, pelas 08H30, tendo sido saudados, pouco após a largada, pelo presidente em exercício da edilidade lisboeta, dr. João Soares.

pio Sottomayor; «Lisboa e a música», pelo musicólogo Nuno Barreiros; «Lisboa e a História: olisipógrafos», pela jornalista Marina Tavares Dias e, finalmente, «Lisboa poética», pela prof.ª dr.ª Maria Leonor Buesco.)

Antes do almoço-volante, para melhor apreciar a beleza do Tejo, e, novamente, também, a terminar o passeio, ouviu-se ainda música e poesia (poeta Sá Flores, atriz Maria do Céu Guerra, pianistas Mário Jorge Garcia e Shegundo Galarza e tenor Carlos Jorge).

A revista áudio «Dinamização Cultural» é já uma aposta conseguida do seu Director Deodato Guerreiro, pois apenas com um ano de existência, tem já uma enorme divulgação, sendo distribuída, gratuitamente, não



Depois, ao longo do dia, e do rio, foi toda uma animada convivência, entremeada com colóquios e conferências, todas interligando Lisboa e o Tejo, em diversas vertentes («Lisboa-rio: aspectos histórico-geográficos de expansão», pelo arqt.º Leonel Fadigas; «Descobrir Lisboa», pelo dr. Baltazar Caetano; «Lisboa e o lazer», pelo dr. Vítor Ferreira; «Lisboa e o humor», pelo jornalista Ap-

só pelo Continente e Ilhas, como também é enviada para todos os países de língua oficial portuguesa e ainda para colónias de emigrantes, principalmente na América do Norte e do Sul.

Para além do representante da Direcção Central da ADFA e do poeta Sá Flores, viam-se entre os convidados, alguns outros sócios e um grupo de grandes deficientes do Lar Militar.

Informação aos sócios

Renovação de cartões de identificação

Em face da alteração introduzida, no ano de 1986, à validade do cartão de deficiente militar obrigando à sua renovação decorridos cinco anos, recorda-se a todos os associados a necessidade de solicitarem, às respectivas Direcções de Serviço de Pessoal, a emissão, quando for caso disso, do novo documento de identificação, para o que são precisas duas fotografias do titular, além da apresentação do cartão ainda em vigor.



Propriedade, Administração e Redacção:
ASSOCIAÇÃO DOS DEFICIENTES DAS FORÇAS ARMADAS
Palácio da Independência
L. S. Domingos — 1194 Lisboa Codex
Tel. 346 21 67/8/9 — Fax 342 83 36

DIRECTOR: Patuleia Mendes
CHEFE DE REDACÇÃO: José Manuel Sande

Os textos assinados não reproduzem, necessariamente, as posições da ADFA ou da Redacção do ELO, sendo da exclusiva responsabilidade dos seus autores

Mensário distribuído gratuitamente aos sócios em situação legal e vendido por assinatura a não sócios ao preço anual (11 números) de 750\$00.

Quando a assinatura seja de fora de Portugal, os custos são acrescidos dos respectivos «portes», a saber:

Europa: 1800\$00
Fora da Europa: 2100\$00
(Guiné-Bissau e S. Tomé e Príncipe: 1300\$00)

Composto, revisto e impresso: INTERPRESS Gráfica, Rua Luz Soriano, 67 — LISBOA

Tiragem deste número: 9 500 exemplares

Monumento aos combatentes do Ultramar

Conforme ELO indicou em Setembro, foi dado já a conhecer publicamente o resultado do concurso para o Monumento aos combatentes do Ultramar, em conferência de Imprensa realizada no passado dia 22 deste mês de Outubro, no Palácio Foz, a que se seguiu, com a presença dos ministro e secretários de Estado, da Defesa Nacional, dos chefes dos Estados-Maiores General das Forças Armadas, da Marinha, do Exército e da Força Aérea, além de outras entidades convidadas, sendo anfitriã a Comissão Executiva do monumento, na pessoa do seu presidente general Altino Magalhães (Liga dos Combatentes), a abertura da exposição das maquetas dos cinco concorrentes melhores classificados.

O júri do concurso, de que faziam parte, para além de representantes da Liga dos Combatentes, da ADFa, da Sociedade de Geografia de Lisboa, da Sociedade Histórica da Independência de Portugal, da Associação de Comandos e da Associação dos Combatentes do Ultramar (organizações, que, conjuntamente com a Associação da Força Aérea e Associação dos Especialistas da Força Aérea, compõem a Comissão Executiva), também elementos da Câmara Municipal de Lisboa, do Instituto Português do Património Cultural, da Administração do Porto de Lisboa, da Faculdade de Arquitectura de Lisboa, da Sociedade Nacional de Belas-Artes e da Associação de Arquitectos Portugueses, decidiu, após análise dos projectos seleccionados, escolher o apresentado pela equipa constituída pelo arqt.º Francisco José Ferreira Guedes de Carvalho (coordenador), arqt.º Maria Helena Morais de Albuquerque, arqt.º Sidónio Costa Pardal, escultor João Antero Pinto Guimarães de Almeida e eng.º Manuel Silva Baptista e Jorge Soares Malta.

Sem pretender entrar em qualquer outro tipo de considerações para além das meramente estético-emocionais, digamos assim, parece-nos que a escolha, entre as obras propostas, é aquela que mais

universalmente corresponderá, pela simplicidade das formas, pela concentração das linhas e pela grandeza, quase rude, da massa, à ideia de respeito, mais do que de exaltação, pelos que, em comunhão anónima e dádiva colectiva, cumpriram, ao longo de cerca de treze anos, na maior dignidade, o esforço e o sacrifício que lhes foi exigido. Aliás, fugindo a quaisquer figurações ou ornatos, o monumento mais facilmente convida ao recolhimento e à reflexão, permitindo a cada um, na recusa de hipotéticas indicações ou pistas particulares, sentir-se apenas irmanado com a memória colectiva. Sinceramente, cremos que nenhuma outra proposta, em nosso entender, conseguiu este (re)encontro com um passado comum, na liberdade total da maneira de ser e pensar individual.

Julgamos, por isso, de interesse, transcrever, da equipa vencedora, não a «memória descritiva e justificativa» do projecto apresentado, por demasiado «física», mas antes algumas passagens do «texto crítico» que antecede aquela, e que, ele sim, é a verdadeira «consciência» do criado:

«Aceitar participar neste concurso é de algum modo contribuir para a realização de um acto de justiça, que ausente até ao momento dava um mal estar a todos que nele pensam.

Antecedendo este concurso, deveria ter sido realizado um debate público, sobre o tema que levasse a uma maior contribuição e consciência e ajudasse a caracterizá-lo, já que de um tema nacional se trata.

Tentando suprir esta etapa, contactámos ex-combatentes do Ultramar, famílias que perderam soldados, outras que os recuperaram, com diferentes ideologias e culturas. De todos obtivemos a expressão — 'até que enfim...'

Numa Pátria onde se rendem, última e felizmente aos vivos, várias homenagens, nomeadamente a figuras individuais, é de sabor amargo que só agora apareça esta possibilidade de homenagear todos os Combatentes do Ultramar.

Neste facto, temos todos ou quase todos, a culpa do silêncio.

A escolha do local parece-nos a melhor, pen-

sando que a memória do que foram às guerras em terras ultramarinas, é outra dimensão da Epopeia dos Descobrimentos, talvez a dimensão mais dolorosa e polémica.

Mas achámos que a área limitada para o concurso, é demasiado contida para certas opções e fecha a possibilidade de se estudarem outras propostas.

Ao analisar a questão de localização e a profusão de monumentos e marcas de homenagem nesta área, quase deles saturada, chegámos à conclusão que a melhor solução seria a colocação do Monumento junto ao Forte do Bom Sucesso e fazendo deste último parte desse mesmo monumento.

Esta localização no espaço abraçado pela implantação da volumetria do Forte, permite a vista do monumento do lado do Tejo, sendo um outro marco para além do Padrão das Descobertas e da Torre de Belém.

Quanto à dimensão parece-nos que é suficientemente digna e marca presença sem timidez a par de outros monumentos.

Não é uma proposta para uma homenagem comprometida. Ela contém intenções que envolvem outras paisagens, outros céus, outros povos entre eles mulheres e crianças de um lado e de outro do mar. Diferentes murmúrios. Respostas diferentes.

Esta riqueza de imagens que emergem das nossas memórias e da nossa imaginação, denuncia a delicadeza, complexidade e actualidade deste tema que perturba a facilidade de resposta em termos de imagem edificada.

Por outro lado os últimos combatentes, os últimos mortos, os últimos deficientes do Ultramar estão próximos de nós, nos nossos amigos e nas nossas famílias e simultaneamente são lembrados no nosso quotidiano com sentimentos diversos e respeitáveis que vão da gratidão à revolta.

A construção de uma imagem, para homenagear uma causa nacional, deve ter o cuidado de que a sua proposta formal congregue o maior número de pessoas sem que as divida, por causas de representação figurativa ou de outra ordem.

Por tudo isto e por opções de ordem estética e formais, propomos uma

estrutura-pórtico, muito geometrizada, limpa, com dignidade e simbolismo, que marque presença pela sua linguagem contemporânea, sem cedências para uma superficial integração.

O pórtico-escultura é envolvido por um espaço de meditação onde cabem todos os sentimentos, orações e memórias. A parte de história e de pedagogia é completada pelo Museu do Combatente a instalar no Forte.

O monumento será o conjunto do Forte do Bom Sucesso e do pórtico-escultura e supomos que os dois e o espaço que os rodeia cumpre as aspirações expressas pela Comissão Organizadora deste Concurso de âmbito Nacional.

... No fim deste texto surge-nos uma ideia que nos preocupou durante o estudo da proposta, o problema complexo dos deficientes invisíveis... Propomos que a solução escolhida seja construída em réplica a uma escala controlável e perceptível, no Museu do Combatente, para que este tipo de deficiente possa compreender o Monumento que a todos homenageia...»

Afinal, e a terminar, ainda a última parte da «Memória justificativa» — 2.ª fase:

«Optámos por inscrever na pedra de homenagem a inscrição «AOS COMBATENTES DO ULTRAMAR».

Nenhuma frase, quanto a nós, pode ser inscrita porque são muitos os que possuem na sua memória frases alusivas, diferentes e igualmente respeitáveis, difíceis de conciliar. A simplicidade da insenção e a grandeza possível para a expressão física e plástica da homenagem, supomos ser a melhor resposta.

Os elementos da equipa que realizou este trabalho pertencem quase todos à última geração da Guerra do Ultramar. Conhecemos África, temos amigos africanos, trabalhamos nos novos países africanos depois da sua independência.

Temos uma visão enriquecida do significado da memória que hoje se pretende homenagear. Por isso a nossa proposta é «unitária», isto é, que permita pela sua forma e expressão estéticas unificar todos os povos envolvidos sem constrangimento nem ressentimento, como expressão de vida da actualidade das nossas Histórias.

Esperamos ter conseguido a possibilidade de poder reunir sentimentos, em volta do Monumento que hoje propomos, para homenagear todos os COMBATENTES DO ULTRAMAR.»

Em próximo número de ELO daremos mais informação sobre o andamento deste processo.

EDITORIAL



O Homem, demonstra-nos a História, nos seus capítulos de Antropologia e Arqueologia, desde o seu aparecimento à face da Terra, manifestou ser um ente essencialmente gregário, agrupando-se em comunidades, no sentido da entrelajada e da troca de conhecimentos, raízes primárias das manifestações sociais e de solidariedade que o caracterizam.

Surgiu, assim, com maior ou menor intensidade, durante a caminhada evolutiva do ser humano, a grande necessidade de comunicar e partilhar, com os outros, inventos e sabedorias que iam sendo responsáveis pelo progresso e pela harmonia, sempre que o entendimento teve capacidade de se sobrepor às discórdias e conflitos.

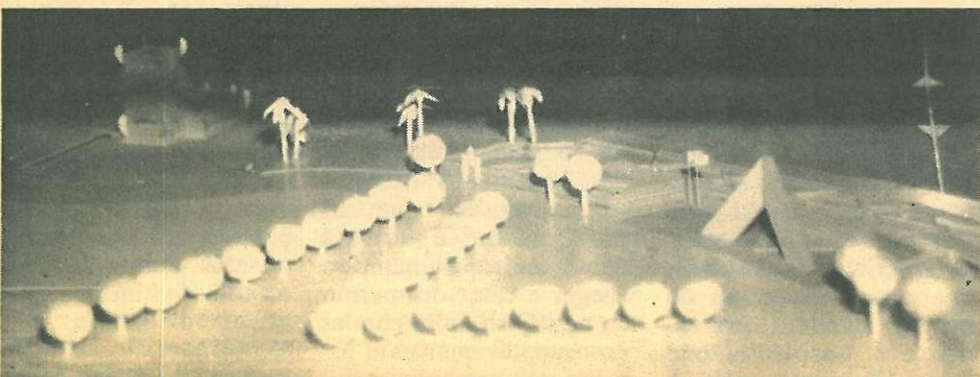
É deste sentido ecuménico de Paz e de cooperação que emerge o ideário da FMAC, o qual valoriza, com base na experiência dos antigos combatentes, o diálogo e a tolerância entre os povos, a Justiça, o respeito e a dignidade, proclamando a concórdia universal e os Direitos do Homem, em contraste com a inanição das guerras e a violentação dos sentimentos individuais de Liberdade inerentes ao ser humano.

Tais objectivos, unanimemente aceites, passados, quantas vezes, a «resoluções» daquela organização mundial, em concordância de países, os mais diversos, de todos os continentes, são, afinal, reflexo actual do espírito solidário que a capacidade de comunicação dos nossos antepassados criou.

A ADFa, sempre assumiu essa visão universalista, profundamente vincada nas deliberações do seu III Congresso que apontam ser a mesma, aliada à força da Informação, o elemento essencial da reivindicação.

Em tal consonância e querer colectivo, decidiram, os órgãos sociais centrais e regionais, jornadas de melhor conhecimento das realidades nacionais e locais, para que, em aprendizagem recíproca, se obtenha um bater, uno e unísono, do coração da nossa Associação. Estes encontros, a realizar em Novembro, constituir-se-ão em elemento difusor da realidade abrangente que a ADFa é hoje, junto de todos os sócios, motivando-lhes um espírito mais gregário e um sentimento de maior participação e intervenção nos objectivos comuns, razões de ser da organização que criámos.

A DIRECÇÃO CENTRAL





ESCREVEM OS SÓCIOS...



Este mês dois artigos do sócio José Maia que, embora já recebidos anteriormente, não puderam ser publicados por falta de espaço, como aliás foi explicado ao autor pelo nosso Director.

A propósito, e por curiosidade, lembrando que este nosso colaborador apresentou um artigo sobre Santo António de Lisboa, em Julho e Setembro (que talvez melhor devesse ter sido inserido num espaço «Elo Cultural»), damos a notícia, para quem não o saiba já, de que, em meados deste mês, foram roubadas, da Basílica de Pádua, cidade onde o santo morreu e onde estava sepultado, algumas das suas relíquias, pelas quais foi, posteriormente, pedido um resgate de cerca de 115 mil contos. Realmente, há formas bem estranhas de tentar um «milagre»...

Angola - Guiné

Há três décadas, ainda eu criança frequentando a escola primária lá da aldeia, ali bem chegada ao Mondego que docemente ainda hoje beija o quintal da modesta casa de meus pais, que me serviu de maternidade, um dia qualquer ouvi que rebentara a guerra numa terra distante, e que já tinha ouvido falar à minha professora como sendo a mais rica das províncias ultramarinas portuguesas.

Sem preocupações de qualquer espécie, de joelhos esmiurrados e a pele rósea a ver-se pelos buracos das calças, não percebi a apreensão que, subitamente, ensombrou o habitual semblante calmo e risonho do meu pai. Que nos importaria lá a

guerra em Angola? Lá tão longe do outro lado do mar!...

Há vinte anos, o corpo oprimido pela farda ainda rija da goma e o coração pela tristeza e revolta, lá embarquei, não em barco apinhado de carne para canhão como os rapazes mais velhos da minha terra, nos anos sessenta, mas em avião, coisa de que só tinha ouvido falar em relatos dos emigrantes ou pessoas que visitavam Lisboa, rumo a África, não com destino a Angola, mas para a terrível Guiné, onde, como eu ouvia dizer, se travavam combates ferozes.

Escondido na farda camuflada, olhando lá de cima das nuvens a terra onde talvez já não regressasse, saudade denunciada por lágrimas teimosas quando lá no alto já só via azul do céu e do mar e dos meus ouvidos procurava retirar os gritos de desespero daqueles que tinha deixado.

Hoje chegam as boas novas da Paz, e com uma grande alegria recordo aquele bocado de África que não tive oportunidade de conhecer pacífico, e a quem há muito perdoei os maus momentos a que me obrigou.

Que a Paz agora assinada para Angola se estenda rapidamente àquela Guiné, daquela gente preta, mas de paixões tão profundas e de quem me obrigaram a ser inimigo.

Sinto em mim o calor húmido daquela terra para onde me empurraram para matar, onde atrás dos bidons dos restos da comida espreitava um negro de olhos tristes e ternos.

Recordo aquele paraíso tropical transformado em

lamaçal de sangue e ódio, onde a lua naquelas noites cálidas me acusava e ao mesmo tempo sentia pena. Recordo os locais deslumbrantes que olhei mas não vi, mas que me ficaram gravados no espírito.

Aquelas paisagens luxuriantes de beleza que só a África proporciona, serão com certeza as mesmas, mas com uma diferença: finalmente a Paz no horizonte, finalmente a Liberdade!

Que à semelhança do que acaba de se passar em relação a Angola, os responsáveis da Guiné saibam consolidar a Paz e a Democracia.

Será uma tarefa árdua curar os feridos de uma guerra que deixará vestígios durante muito tempo e construir uma nação definida por um colonialismo que alimentou os mais diversos interesses alheios ao povo daquela terra. Apesar de tudo, acredito na possibilidade de que os guineenses se unam e aproveitem as potencialidades da sua terra, gozando, por fim e em seu próprio benefício, as riquezas naturais que possuem.

Depois da Paz efectiva naquela terra que me marcou para toda a vida, também eu me sentirei recompensado com entusiasmo fraterno.

Sem paternalismos mesquinhos despidos de preconceitos, teremos todos nós, e a ADFa já o está a fazer, de ajudar no esforço da reconstrução.

Tenho esperança de voltar um dia àquela terra regada com um pouco do meu sangue e na hora do embarque dizer com entusiasmo:

— Para a Guiné e em Paz.

A ADFa na Comunicação Social

Vivemos um tempo em que a problemática da Comunicação ganhou um peso dominante no nosso quotidiano. Para além das questões relativas à transmissão das notícias, ou da divulgação dos acontecimentos, algo bem mais profundo e complexo tem a ver com a influência dos «media» na construção dos modelos e atitudes daqueles que são os receptores desse caudal informativo.

A televisão, a rádio e os jornais assumem hoje o papel de agentes poderosíssimos de influência social e fortes condicionadores das atitudes do comportamento do indivíduo na sociedade.

Tal influência pode fazer-se sentir de muitos e variados modos pela escolha dos conteúdos informativos a ser julgados pelo tratamento que é dado a essa informação ou notícias, e é responsável, em grande parte, pela forma como concebemos e interpretamos os acontecimentos na sociedade em que vivemos.

A tarefa da escolha da informação a veicular pelos órgãos de Comunicação Social é das mais importantes, talvez, até, das mais desgastantes para os jornalistas.

Mais importante do que saber escrever será, talvez, saber escolher.

Hoje a Comunicação Social vive essencialmente dos pesos económicos e políticos que a sustentam, não se compadecendo com selectividades justas. Vigora a lei do mais forte.

O conceito que o cidadão comum faz da pessoa deficiente é muitas vezes a imagem que os meios da Comunicação Social dele nos transmitem. É frequente encontrar-se no tratamento dado às pessoas com deficiência um sensacionalismo excessivo, até abusivo. Ora somos confrontados com uma imagem do indivíduo deficiente que o apresenta como incapaz, merecedor da nossa compaixão, ora somos colocados perante o indivíduo deficiente visto como um super-herói detentor de capacidades e qualidades excepcionais que mais ninguém possui. É o sensacionalismo fácil que interessa aos níveis do conhecimento primário dos receptores, são os assuntos palpitantes, quantas vezes sem qualquer, ou com um mínimo, de conteúdo social «mas que vendem em abundância!»...

Há que inverter em definitivo tal situação. Compete aos próprios deficientes esta tarefa pedagógica. Para tal é necessário investir na Comunicação Social de uma forma diferente. Trabalho difícil mas não impossível.

A Delegação de Coimbra da ADFa tem assumido esse projecto, e com dignidade tem assumido as suas responsabilidades, aparecendo em vários programas radiofónicos.

Ultrapassámos a dificuldade em fazer passar a mensagem nos órgãos de Comunicação Social. À falta de abertura dos mesmos para a disponibilização de espaços para o tratamento do tema, temos respondido com disponibilidade para o aprofunda-

mento dos conhecimentos desta área por parte dos jornalistas, enquanto técnicos comunicadores, como a melhor forma de otimizar o tratamento da informação.

As últimas eleições da ADFa foram motivo para que em curto espaço de tempo a nossa Associação no Distrito de Coimbra se apresentasse em várias estações emisoras, falando da ADFa e dos deficientes militares, defendendo princípios que passam pelo respeito da instituição, da pessoa deficiente e da sua diversidade humana, pelo reconhecimento das suas necessidades específicas e pela criação de condições que assegurem uma plena participação e integração nas condições normais de vida de qualquer cidadão, na escola, no emprego, na habitação, nos transportes, no desporto, em suma, na sociedade em geral. Falámos em áreas tão diversas como: formação profissional, emprego, ocupação de tempos livres, terceira idade, família, acessibilidade e mobilidade no espaço urbano e nas habitações, etc., RJC — Coimbra, RDCP — Antena 1, Rádio Bairrada Mira e Rádio Pampilhosa, foram estações radiofónicas onde estivemos e vamos continuar a estar, porque esta forma de Comunicação Social, conforme num dos programas referia o jornalista de serviço, aceita o desafio da ADFa e quer aprender com ela. Foi bonito de ouvir e é para isso também que existimos: **informar/formar!**

José M. Maia

Sócio 244

«O ÁLCOOL MATA»

Qualquer que seja o ângulo por onde se olha o problema do álcool, e do alcoolismo, todos mostram a sua complexidade social, como todos os observadores convergem na opinião dos seus perigos e maléficis.

No entanto, a prática mostra-nos à exaustão (tantas vezes mortal), como é grande a diferença entre consciência e respeito.

Todos os dias somos alertados por notícias de mais acidentes (de viação, de trabalho e outros), de mais mortos e feridos, de mais doentes físicos e/ou psíquicos, provocados por ingestão excessiva de bebidas alcoólicas, sendo as estatísticas verdadeiramente arrepiantes, sem que, no viver diário, isso altere a realidade do seu aumento constante!

Dir-se-ia que cada um pensa que é um mal social

inevitável, mas que, apesar disso, lhe passa ao lado, embora, por vezes, mesmo à tangente, estando imune aos seus efeitos. Claro que nada de mais errado, e se, também cada um, reflectir bem, poucos, muito poucos, poderão afirmar não ter bebido já o seu copito a mais, com a respectiva, e relativa, perda de autocontrolo. Uma festa animada (cada vez mais animada...), um jantar de amigos (e uma vez não são vezes...), até, no lado oposto, a solidão e a dor (afogar as mágoas...), todos passámos por tais situações, tendo, quer a euforia das amizades quer a tristeza das recordações, levado a não nos apercebermos, no momento, que já bebemos demais, só tomando consciência disso, mais tarde, às vezes tarde de mais, ao termos necessidade de um racio-

ónio ou de uma decisão... a que não conseguimos dar resposta no tempo certo, ainda por cima, podendo arrastar, consequências trágicas, quer familiares e amigos quer outros que nada tinham a ver com o assunto.

Fala-se em «alegria de viver», mas ela só pode ser verdadeiramente sentida, se nessa concepção de vida e de maneira de estar, estiverem incluídas as outras pessoas. Senão, não passa de mera ilusão, talvez frustração, e terrível egoísmo. Mesmo sendo o morto ou atingido, o próprio culpado, é a «alegria de viver» da sua família e dos seus companheiros que é ofendida.

Claro que palavras são fáceis de dizer ou de escrever, dirão alguns. É tão verdade, ou mentira, que para determinadas pessoas, em determinadas ocasiões, até é necessário beber alguma coisa para o fazer! «In vino veritas» — no vinho está a verdade! Estará? E se assim for,

em que sociedade vivemos nós em que é preciso estar alcoolizado para se dizer aquilo que pensamos dever ser dito, quer seja ao ptrão quer seja à namorada? Vivemos, mesmo, numa sociedade de medos e de receios ocultos? A nossa afirmação, e/ou a resolução (pretensa) de uns tantos problemas, passarão pela transformação de cada um numa outra pessoa, através de qualquer fenómeno químico permitido pela absorção de CC, OO e HH?

Lemos recentemente na **Imprensa diária**, **nalguma com o relevo que toda a Comunicação Social, em geral, lhe devia ter dado, a notícia de que havia sido revelado, num encontro realizado em Lisboa, subordinado ao tema «Saúde das Crianças e dos Jovens — Perspectivas de Futuro», que a primeira causa da morte, invalidez permanente e hospitalização dos adolescentes são os**

acidentes de viação, e que, nestes, a percentagem de «culpa» do álcool era superior a 50%!

Todos devíamos andar assustados. Todos devíamos reflectir bem. E PARAR!

São os nossos filhos! Mas sendo eles o nosso futuro, a garantia da sociedade que, certamente, gostaríamos de ser, ou pelo menos que eles fossem, são também, e ainda, o verdadeiro reflexo do nosso presente e do nosso passado. Haverá que ter, e assumir, essa consciência, tão pesada, quando, e se quisermos, educar e prevenir.

Já repararem, por exemplo, e parece-nos bastante significativo porque até mero pormenor (?), na quantidade de cenas, em filmes e séries televisivas, em que, os protagonistas, e hoje já não apenas o homem, ao chegar a casa, ou mesmo ao escritório, quer com ar preocupado quer com aspecto descontraído, a pri-

meira coisa que fazem é encher um copo e beber um bom trago? E as vezes que se abrem os frigoríficos para se irem buscar latas de cerveja? Haverá mesmo necessidade disso, ou será apenas pacto mórbido-financeiro entre os realizadores/produtores e os fabricantes?

Creemos que não vale a pena alongarmo-nos mais.

Os leitores do ELO, a maioria, são deficientes militares: as esposas e filhos de combatentes mortos, são viúvas e órfãos de guerra. Não são, certamente, «atributos» invejáveis mas, e sempre, são situações sociais que merecem respeito e dignidade, tanto mais que, por muito estúpidas e incompreensíveis que sejam as guerras, não é, normalmente o soldado comum, considerado um criminoso. Mas, deficiente, viúva ou órfão, vítima ou assassino, do e/ou pelo álcool!?

J.M.S.

Nós com os outros

Frustrado o golpe de mão àquela tabanca da mata de Ponta da Costa, que encontrara recém-abandonada, o destacamento de fuzileiros especiais, após a destruição da mesma e efectuado o necessário reconhecimento da zona, regressava à LDM de que, no afluente do Cacheu, haviam desembarcado pelas três da madrugada desse dia 4 de Fevereiro de 1971 quando, de repente, já passado metade do grupo, um rebentamento de mina atira a vários metros de distância, entre nuvens de poeira e terra, um dos seus elementos. Montada a segurança, ocorre o enfermeiro que verifica esfacelamento da perna direita do homem atingido. Prestados os primeiros socorros e feita evacuação heli para o Hospital Militar de Bissau, o ferido após operado, passa, sucessivamente pela enfermaria (Bissau) e hospital (Lisboa) da Marinha, seguindo para Alcoitão.

Deste acidente em campanha, resulta para o 1.º grumete fuzileiro especial Orlando da Ressu-

reição Alves dos Reis, a amputação da perna direita abaixo do joelho, sendo-lhe atribuído 65% de grau de incapacidade.

Sócios n.º 101 (16SET74), Orlando Reis é o atleta da ADFA que, conforme ELO de Setembro, está pré-seleccionado para os Paraolímpicos de Barcelona, em 1992. Daí, e como intróito ao acompanhamento que pretendemos fazer dos seus treinos e evolução, esta conversa, para melhor conhecermos o associado.

ELO: Orlando como aparece na ADFA?

Orlando Reis (OR): Já depois de ter saído de Alcoitão, e na convivência com outros deficientes militares também residentes na Quinta do Morgado, tomei conhecimento do movimento para a criação de uma associação, ideia a que aderi imediatamente, tendo até sido um dos primeiros trabalhadores da ADFA.

ELO: E como aparece atleta?

OR: Desde sempre que o desporto foi um dos meus passatempos prefe-

ridos, principalmente o futebol, modalidade em que, era um «craque» naqueles bons tempos do Colégio Marista, em Leiria, tendo até capitaneado a equipa que não só venceu os campeonatos escolares como também os torneios externos em que se inscrevia. Tinha então 17 anos... e duas pernas.

Por essa altura regresssei a Peniche, minha terra, para entrar para o liceu local, mas pouco tempo depois, insatisfeito com os estudos e a vida calma que levava (apesar do futebol que continuava a jogar), resolvi mais precisamente em 1969, com os 18 anos mínimos para o fazer, alistar-me, com outro colega, nos fuzileiros especiais. Incorporado, fiz o percurso normal de recrutamento e cursos seguintes, tendo, em 1971, integrado um destacamento (DFE 13), para seguir para a Guiné, com a particularidade de todos os seus elementos serem voluntários e, digamos, autopropostos para o mesmo.

Entretanto, e como se deve calcular, dadas as

conhecidas exigências de formação dos fuzos, mantive uma intensa preparação, passando a praticar, também, a chamada cultura física.

Regressado, melhor, evacuado ainda no mesmo ano (71), é já em Alcoitão, e muito por minha vontade própria, o que felizmente, nunca me faltou, que recomeço a preparação física, aproveitando as condições oferecidas pelo ginásio do Centro. Porém, passado o período hospitalar e de reabilitação, constituída família e encontrado emprego, o tempo e a disponibilidade para essa actividade diminuem, sendo já em 1977, creio, o desafio de um colega, não deficiente, do Fundo do Fomento da Habitação (onde estão trabalhava na minha profissão de desenhador) que volto aos treinos, entrando para o Ginásio Clube Português.

Acontecendo, talvez um ano depois, que se realizou no Algarve/Açoteias com a presença de atletas de diversas nacionalidades, uma espécie de

torneio-demonstração, vários foram os sócios/atletas da ADFA que aí se deslocaram para a participação possível, dado o grande desconhecimento que em Portugal havia sobre a extraordinária capacidade e riqueza do «desporto para deficientes». E é então, na convivência com esses estrangeiros que começo, desde logo, a fazer lançamento do disco, do dardo e do peso.

Depois com maiores ou menores dificuldades, com poucos ou nenhuns apoios, mantenho um certo ritmo de treino, sempre acompanhado pelo meu ex-colega do FFH, pensando em... Los Angeles... Seul... o que, como se sabe, nunca foi possível e me leva, também sem competição a nível nacional nem outros concorrentes, a deixar o atletismo, continuando, no entanto, a preparação física, só que agora apenas no ginásio (musculação).

Surge em 1990 e sabe-se da possibilidade de Barcelona, o que porque também existindo já uma Federação Portuguesa de Desporto para Deficien-

tes, ainda que muito inoperante, me «obriga» a aceitar o desafio de recomençar os treinos. Infelizmente, só fui prevenido com dois meses de antecedência sobre as provas de selecção, o que, por razões óbvias, me limita a ter que escolher apenas uma modalidade de lançamento, neste caso o disco.

Desde sempre, e como atleta deficiente militar a única camisola envergada foi a da ADFA!

ELO: Que mensagem quer deixar para os sócios da ADFA e, possivelmente, para todos os deficientes?

OR: A de que todos, dentro das suas possibilidades, e elas são sempre mais e maiores do que cada um pensa, devem praticar exercício, não só para criarem e manterem boa forma física, mas também por ser um extraordinário auxiliar; senão mesmo o motor principal, em certos casos, de um bom estado psicológico, tanto pelo anti-stress que é, como pela satisfação que se obtém nas respostas a tal desafio.

NO ANIVERSÁRIO DA MORTE DE HENRY DUNANT (30.10.1910)...

... o final das transcrições do seu livro «Recordações de Solferino», encontrando-se já aqui os fundamentos para a criação da Cruz Vermelha.

«... Visto que podemos repetir as palavras do grande pensador que disse que 'os homens chegaram ao ponto de se matarem uns aos outros, mesmo sem se odiarem, e a maior glória, a mais requintada das artes, é o extermínio mútuo'.

Visto que se declara, como afirma o Conde Joseph de Maistre, que 'a guerra é divina'.

Visto que todos os dias se inventam, com uma perseverança digna de melhor objectivo, meios de destruição mais terríveis do que os que já se possuem, e que os inventores destes instrumentos de destruição são aplaudidos e encorajados na maior parte dos grandes Estados Europeus, empenhados numa corrida ao armamento.

Em vista de tudo isto, porque não aproveitar um tempo de tranquilidade relativa e de calma para resolver uma questão de tão alta importância, sob o duplo aspecto humano e cristão?

Estou certo que este assunto, posto à meditação e discussão, originará reflexões e escritos de pessoas mais hábeis e competentes do que eu. Mas não será inicialmente necessário que esta ideia, apresentada aos diversos ramos da grande família europeia, fixe a atenção e conquiste as simpatias de todos aqueles que têm uma elevação de alma e um coração susceptíveis de se comover perante o sofrimento dos seus semelhantes?

Sociedades deste género, uma vez constituídas e com existência permanente assegurada, ficarão naturalmente inactivas em tempo de paz. (*) Mas estariam organizadas face a uma eventualidade de guerra. Deveriam captar a simpatia e benevolência das autoridades dos países em que se organizassem e, em caso de guerra, solicitar dos soberanos das potências beligerantes

autorização e facilidades para conduzir a sua tarefa a bom fim.

Estas sociedades deveriam pois reunir em cada país, como membros do seu comité dirigente, homens de honrabilidade reconhecida e generalizadamente estimados.

Os comités fariam apelo a todas as pessoas que, por motivos filantrópicos, concordassem em consagrar-se a esta obra, a qual consistiria: 1.º — em, de acordo com as intendências militares, isto é, com o seu apoio e, se necessário, sob a sua direcção, ministrar socorros e cuidados nos campos de batalha, na ocasião de um conflito; 2.º — em, continuar nos hospitais estes cuidados aos feridos, até à sua completa convalescença.

Dedicação espontânea deste tipo seria mais fácil de encontrar do que se julga. Muitas pessoas, convencidas que poderiam ser úteis e encorajadas e apoiadas pela administração superior, iriam certamente, mesmo à sua custa, executar durante algum tempo uma tarefa tão eminentemente filantrópica. Neste século acusado de egoísmo e frieza, que grande atractivo para os corações nobres e compadecidos, para os temperamentos cavalheirescos, este de defrontar os mesmos perigos que os soldados, mas através de uma missão voluntária de paz, de consolo e de abnegação.

Os exemplos fornecidos pela história provam que não é utopia contar com tais dedicações.

... Mas quantos sacrifícios, no passado ou actuais, ficaram obscuros ou no esquecimento! E quantos ficaram em vão, por terem sido esforços isolados e sem o apoio de grupos organizados!

Se tivessem havido enfermeiros voluntários em Castiglione

nos dias 24, 25 e 26 de Junho, ou em Bréscia pela mesma ocasião, como ainda em Mântua ou Verona, que bem inapreciável eles poderiam ter feito! Não teriam eles sido da maior utilidade nessa noite terrível de sexta para sábado, quando gemidos e súplicas dilacerantes saíam do peito de milhares de feridos sofrendo agudas dores e o inexprimível suplício de sede?

... Diferente teria sido se tivesse havido um número de auxiliares suficientes para montar um serviço de levantamento de feridos nas planícies de Médola, no fundo das ravinas de San Marino, nas escarpas do Monte Fontana, ou nas elevações de Solferino. Não se teria deixado sem socorro, no dia 24 de Junho e durante longas horas, no meio de angústias pungentes e no temor amargo do abandono, aquele pobre 'bersagliere', aquele ulano ou aquele zuavo que tentavam erguer-se apesar das dores atrozes e que, inutilmente, faziam de longe sinal com a mão, para que lhes viessem uma maca. Enfim, não teria incorrido a terrível probabilidade de enterrar, no dia seguinte, vivos junto com mortos, como muito provavelmente aconteceu!

... Quando vemos estes jovens inválidos, amputados de um braço ou de uma perna, regressando tristemente aos seus lares, não nascerá em nós como que uma espécie de remorso ou pena por se não ter tentado prevenir as funestas consequências de ferimentos que poderiam ter sido curados se tivessem havido socorros eficazes, enviados e prestados a tempo?

... Apesar de todo o zelo evidenciado pelas populações da Lombardia e pelos habitantes de Bréscia, não teria ficado uma imensidade de trabalho por fazer? Nunca, em nenhuma guerra e em nenhum século, se tinham visto tantas manifestações de caridade; ficaram contudo aquém

da magnitude dos males a socorrer. Além do que apenas os feridos do Exército Aliado eram socorridos e os austríacos nada tinham. Era o reconhecimento de um povo arrancado ao domínio estrangeiro, e isto explica tal momento de delírio de entusiasmo e simpatia.

... Há pois um apelo a dirigir, uma súplica a apresentar aos homens de todos os países e de todas as classes, aos grandes deste mundo e aos mais modestos artífices, pois que todos po-

que monarca recusaria o seu apoio a estas sociedades e não ficaria feliz por dar aos soldados do seu exército a certeza plena de que seriam imediata e convenientemente tratados se um dia fossem feridos? Que Governo hesitaria em conceder o seu patrocínio àqueles que procurassem assim ajudar a preservar a vida de cidadãos úteis? O militar que defende ou que serve o seu país, não merecerá a máxima solicitude da sua Pátria? Que oficial, que general, se considera

mais que suficientes para não nos deixarmos apanhar desprevenidos?»

(*) Estas sociedades poderiam mesmo prestar grandes serviços em tempo de epidemias ou de desastres tais como inundações e incêndios. O móbil filantrópico originário do seu aparecimento obrigá-las-ia a agir em todas as ocasiões em que a acção tivesse lugar.

Como já tivemos oportunidade de dizer, ocorrida em 1859 a batalha de Solferino, escrito em 1862 o livro das «Recordações» de Henry Dumont redigido em 1864 a «Convenção de Genebra» e escolhido/reconhecido o símbolo heráldico da Cruz Vermelha (bandeira nacional suíça com cores invertidas), muitas foram as Sociedades Nacionais da Cruz Vermelha, a que se juntaram, depois, as do Crescente Vermelho, que foram sendo fundadas, não havendo hoje, praticamente, nenhum país que a não tenha ou que não beneficie do trabalho e apoio da Liga das Sociedades da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho.

NOTA: Neste espaço do ELO publicaremos, no próximo número, uma entrevista que nos foi concedida pelo dr. Francisco Alves, Presidente da ACAPO, por ocasião do 2.º aniversário desta organização.

A HISTÓRIA DA CRUZ VERMELHA E DO CRESCENTE VERMELHO

dem, de uma maneira ou de outra, cada um na sua esfera e de acordo com as suas possibilidades, concorrer em qualquer medida para esta boa obra. Tal apelo deve ser dirigido às mulheres e aos homens, à princesa sentada nos degraus do trono, à humilde servente órfã ou à pobre viúva só no mundo, que deseja consagrar as suas últimas forças ao alívio do sofrimento do seu semelhante. É um apelo que deve ser dirigido tanto ao general ou marechal de campo, como ao filantropo, ou ao escritor que pode, no seu gabinete, emprestar o seu talento a publicações versando um problema que interessa à humanidade inteira e, num sentido mais restrito, a todos os povos, todos os países, todas as famílias, pois que ninguém se pode considerar ao abrigo da eventualidade de uma guerra.

... A humanidade e a civilização exigem imperiosamente uma obra como a que indicamos. Nela nos parece implícito um dever a cujo cumprimento todo o homem com alguma influência deve o seu concurso, e todo o homem de bem deve pelo menos uma reflexão. Que prin-

os seus soldados, por assim dizer, como 'seus filhos', não gostaria de facilitar a tarefa a tais voluntários? Que administrador militar, que cirurgião-mor não ficaria grato pelo apoio de um grupo de pessoas inteligentes, chamadas a agir com tacto sob uma sábia direcção?

Enfim, numa época em que tanto se fala de progresso e de civilização, considerando que as guerras nem sempre podem ser evitadas, não será urgente insistir na tentativa de prevenir, ou pelo menos suavizar os horrores, não só dos campos de batalha, mas também e principalmente nos hospitais, durante semanas tão longas e tão dolorosas para os infelizes feridos?

Se os terríveis meios de destruição de que os povos dispõem actualmente parece que irão abreviar as guerras do futuro, parece também que, por outro lado, as futuras batalhas não serão menos mortíferas; e neste século em que o imprevisível desempenha um impotente papel, não será possível que as guerras surjam, de um lado ou de outro, da forma mais súbita e inesperada? Não haverá nestas considerações, nelas mesmas, razões



XX ASSEMBLEIA DA FMAC REAFIRMA EM PELAS CAUSAS DA PAZ, DA JUSTIÇA, DA I

Após a tradicional Reunião do Conselho Geral (49.ª) que, tendo tido lugar a 19 de Outubro, entre outros assuntos, analisou o pedido de adesão de mais quatro associações (Associação do Corpo de Enfermeiras do Exército Real da Austrália, Federação Checoslovaca de Combatentes pela Liberdade e de Combatentes Antifascistas, Associação Mundial de Combatentes do Exército Interno (Polónia) e Associação de Antigos Combatentes Sudaneses, num total de cerca de 180 000 membros), realizou-se, em Helsínquia, de 20 a 24 do mesmo mês, a XX Assembleia Geral da FMAC, no local histórico que já é o Palácio da Finlândia, reunindo um número recorde de participantes (cerca de 250), em representação de mais de 70 organizações e associações nacionais e internacionais, algumas delas com estatuto de «observador» (caso, por exemplo, da ONU e do Alto-Comissariado para os Refugiados) ou de «convidado» (Ministério da Defesa de Portugal, entre outros) oriunda de 43 países dos cinco Continentes (Alemanha (Rep. Fed.), Angola, Austrália, Áustria, Burkina Faso, Camarões, Chipre, Coreia, Costa do Marfim, Dinamarca, Egipto, Espanha, Estados

Unidos da América, Filipinas, Finlândia, França, Ghana, Guiné, Holanda, Indonésia, Israel, Itália, Japão, Jordânia, Jugoslávia, Luxemburgo, Malásia, Mali, Marrocos, Moçambique, Nigéria, Noruega, Nova Zelândia, Polónia, Portugal, Reino Unido, Senegal, Serra Leoa, Suécia, Tailândia, Taiwan, Turquia e União Soviética.



Delegações de Portugal, Angola e Moçambique

No dia 20, de manhã, seguindo-se à sempre emotiva cerimónia de homenagem aos combatentes mortos, que decorreu no Memorial do cemitério da capital finlandesa, teve lugar, na mesma sala onde foram assinados os «Acordos de Helsínquia», a Sessão de Abertura, presidida pela ministra da Saúde e dos Assuntos Sociais, Eeva Kuuskoski,

tendo assistido, para além dos participantes, numerosos convidados, entre eles eminentes personalidades de vários países.

A abrir as intervenções, o representante das quatro associações finlandesas (Associação dos Deficientes de Guerra, Federação dos Antigos Combatentes, Federação dos Combatentes da Frente e Federação

fação desta reunião na Finlândia, reconhecimento simultâneo do trabalho das suas organizações de antigos combatentes e da política internacional seguida pelo seu país.

Seguidamente, a ministra da Saúde começou o seu discurso por citar o credo da FMAC «Ninguém pode falar mais eloquentemente a favor da Paz do que aqueles que fizeram a guerra» —, realçando, depois, a sua criação por inválidos de guerra, antigos combatentes e famílias de militares mortos, de seis países acabados de sair da II Guerra Mundial, grupo a que, ao longo dos anos, muitas outras organizações, de todo o Mundo, se têm juntado, aceitando os seus objectivos e dando ao seu trabalho a força enorme que lhe é transmitida pelo facto de «... o lado pelo qual os elementos destas associações combateram na guerra não tem qualquer importância».

Afirmando que, infelizmente, os conflitos armados não são apenas um facto do passado, e sublinhando o trabalho da Federação, apelou para que os antigos combatentes mantivessem a coragem de lutar pela Paz, garantindo que as esposas e Mães os ajudariam, de todo o coração, nesse tra-

balho, para que os seus filhos pudessem viver sem nunca conhecer a guerra. Finalmente, e depois

Unidas, na qual, Perez de Cuellar manifesta o grande apreço que a ONU tem pela FMAC e pelo



Delegação portuguesa com o primeiro-ministro finlandês

de fazer referência à situação dos veteranos na Finlândia que, embora muito boa a nível de padrões internacionais, mostra que muito ainda há por fazer, dedicou alguma atenção à sessão especial que se iria realizar no dia 23, sobre «Os efeitos psicosociais da guerra e a manutenção da Paz», reconhecendo que a preocupação com as lesões físicas, até há pouco tempo, fizeram ignorar as consequências psíquicas e sociais, pelo que os que sofrem delas não têm recebido a compreensão merecida.

Seguidamente, foi lida a mensagem do Secretário-Geral das Nações

trabalho dos antigos combatentes e das suas associações, como Organizações Não Governamentais, realçando que as resoluções e recomendações da Assembleia Geral da Federação Mundial de Antigos Combatentes e Vítimas de guerra são uma «voz» única e autorizada em todas as diligências que se façam na procura da Paz.

Antes da leitura, final do «Credo» da FMAC, por um muito jovem estudante, os Presidente e Secretário-Geral da Federação, respectivamente, van Lanschot e Serfe Wourgaft, nos seus discursos, falaram na importância da Finlândia, nos últimos

PENSÕES DE VIÚVAS DE GUERRA

A Assembleia Geral:

1. Considerando que a legislação para as viúvas dos inválidos de guerra é em geral insuficiente;

2. lembrando as recomendações da «5.ª Conferência Internacional sobre a Legislação» e as «Resoluções» da 19.ª Assembleia Geral, sobre as pensões das viúvas de guerra e dos inválidos de guerra;

3. considerando os grandes esforços e sacrifícios destas mulheres, viúvas dos inválidos de guerra, que assumiram o papel de enfermeiras, para os cuidados quotidianos dos seus maridos, no lugar e em vez do Estado, o que as impede de ter uma carreira profissional;

4. preconiza que é inteiramente justificado que as viúvas e a família dos inválidos de guerra, qualquer que seja a causa da sua deficiência ou data do casamento, e que este acontecimento tenha tido lugar ou não em serviço, tenham direito a uma pensão apropriada;

5. propõe que o contributo social prestado por terceiras pessoas dos dois sexos e pelos inválidos deverá ser mais largamente reconhecido por todos os países e governos, e que os anos que aquelas passaram a ocuparem-se dos seus deverões ser considerados como períodos que, embora sem des-

contos efectuados, seriam de levar em conta no cálculo da sua reforma e prestações da Segurança Social, o que, podendo implicar estatuto de terceira pessoa, deveria por tal consignar o auferir da respectiva remuneração ou salário;

6. propõe, por outro lado que, se houve uma mudança de nacionalidade, o país que era responsável no momento em que a invalidez ocorreu deveria ocupar-se das suas viúvas de guerra de maneira apropriada, imediatamente e sem qualquer recriminação política;

7. pede insistentemente aos governos, ao Secretariado Executivo e às associações membros para que tomem todas as disposições necessárias para que este direito seja traduzido na realidade.

CRIAÇÃO E APOIO ÀS ASSOCIAÇÕES DE COMBATENTES E VÍTIMAS DE GUERRA

A Assembleia Geral:

1. Lembra com insistência as recomendações precedentes e muito particularmente aquelas da «5.ª Conferência Internacional sobre Legislação dos Antigos Combatentes e Vítimas de Guerra», respeitante à introdução de um sistema apropriado de compensação em todos os países a que a mesma diz respeito;

2. considerando que o importante traba-

lho desenvolvido por organizações de inválidos e vítimas de guerra, para a concretização de projectos de readaptação, de formação profissional e de integração, dando continuamente assistência à pessoa deficiente e desenvolvendo o papel social activo complementar das instituições públicas é geralmente reconhecido;

3. considerando as novas dificuldades que se põem às organizações de antigos combatentes de conflitos regionais e locais recentes, com vista a obter uma mudança de atitudes para que o antigo combatente seja aceite e perfeitamente integrado na comunidade, independentemente do lado onde ele combateu;

4. propõe, com vista à obtenção destes objectivos, que um apoio seja dado à criação e ao funcionamento de organizações de antigos combatentes e vítimas de guerra, onde elas ainda não existem.

5. Considerando que as «Organizações Não Governamentais» são um instrumento de progresso social e indispensável mesmo para os governos, que encontram nelas um parceiro social e um interlocutor válido;

6. pede insistentemente aos governos de todos os países para que prestem o seu apoio às organizações de antigos combatentes e vítimas de guerra, nomeadamente no plano técnico, meios financeiros e acesso à Comunicação Social, de modo a que estas organizações possam desenvolver o seu trabalho e também que elas sejam consultadas sobre todas as questões relativas à readaptação.

EMPENHO DOS ANTIGOS COMBATENTES Pela LIBERDADE E DOS DIREITOS DO HOMEM



z de
gran-
ONU
pelo

decénios, nos grandes cam-
inhos da Paz europeia e
mundial, assim como do
papel, cada vez maior e



com-
asso-
gani-
men-
as re-
nen-
bleia
Mun-
mba-
guerra
ica e
as as
açam

mais decisivo, que cabe à
FMAC, na ajuda da solu-
ção dos graves problemas
que o Mundo enfrenta,
pela chamada de atenção,
e propostas concretas,
nos mais variados campos
da actividade humana, to-
das passando «... pelos
nossos esforços para que
os progressos da ciência e
da tecnologia possam be-
neficiar todos, que os re-
cursos materiais, finanei-
ros e humanos do nosso
planeta sejam repartidos
mais equitativamente,
que, em todo o lado, a
força se subordine à lei, e
que se imponham a Paz e
a Liberdade» (S.W.)

Iniciados, imediata-
mente, os trabalhos da
Assembleia, os quais fo-

ram divididos em dois
grupos — Comissão I/III
(conjunta) sobre readap-
tação e assuntos sociais e
sobre questões internas;
Comissão II, sobre orien-
tação (externa da FMAC)
—, durante as animadas
sessões realizadas, muitos
foram os problemas deba-
tidos e analisadas diversas
as propostas, levadas por
várias associações mem-
bros, entre as quais a
ADFA, as quais referiam
aspectos tão diversifica-
dos como legislação para
as vítimas de guerra não
combatentes, novas víti-
mas de guerra, pensões
de viúvas de guerra, res-
peito pelos direitos dos
antigos combatentes ou
transferência de tecnolo-
gia médica, apoio à WIS-
MIC e participação na
Comissão Permanente
das Mulheres, passando
pelo desenvolvimento de
meios eficazes para a de-
tecção de explosões nu-
cleares, o comércio ilegal
de armas, os ensaios nu-
cleares, as Nações Uni-
das, a Cruz Vermelha In-
ternacional, o Direito in-
ternacional, a «Nova Or-
dem Mundial», a Liber-
dade e a democracia, não
esquecendo, mais uma
vez, a paz no Médio
Oriente e a defesa dos
Direitos do Homem. Por
haver sido verificado que
muitos dos textos propo-
stos diziam respeito a
questões afins, entendeu-
-se que alguns deviam ser



Hospital de Kauniala, propriedade da associação finlandesa

reformulados e/ou inte-
grados, tendo sido apre-
sentados à sessão plenária
28 documentos, que, de-
pois de aprovados, passa-
ram a ser considerados
como «Resoluções» da
Assembleia Geral, deven-
do ser, já nessa qualida-
de, enviados aos governos
de todos os países e às
mais altas instâncias in-
ternacionais, no sentido de
se procurar que sejam
adoptadas as medidas ne-
las preconizadas.

Como se disse acima, a
ADFA foi das asso-
ciações que avançou pro-
postas (3), tendo as mes-
mas, embora com textos
adaptados de modo a se
conciliarem com do-
cumentos também pro-
postos por outras organi-
zações, sido aprovadas,
delas se dando conheci-

mento integral nestas
páginas.

Entretanto, o aspecto
social da reunião não foi,
de forma nenhuma, des-
curado, e para além do
concerto integrado na
Sessão de Abertura, no
dia 21 houve uma recep-
ção na Câmara de Helsín-
quia, no dia 22 os partici-
pantes foram recebidos
no Palácio do Governo
pelo Primeiro-Ministro e
a 23 foi o jantar de despe-
dida oferecido pela Co-
missão organizadora, na
Academia Militar.

Antes de terminarmos
esta notícia sobre a XX
Assembleia Geral da
FMAC, dois apontamen-
tos especiais. O primeiro,
para a sessão sobre «Os
efeitos psicosociais da
guerra e a manutenção da
Paz», organizada, cre-

mos, que pelos responsá-
veis do WISMIC (Centro
internacional da FMAC
sobre as informações mé-
dico-social), sediado em
Oslo, e em grande parte
suportado pela Noruega,
já que as contribuições
recebidas (e acabamos de
saber que Portugal, atra-
vés do Ministério do Em-
prego e Segurança Social,
enviou uma verba de 300
mil escudos) não chegam
para sustentar uma obra
que é da máxima impor-
tância para o estudo das
questões relacionadas,
por exemplo, com o
«stress» da guerra, e ou-
tros. Sendo, de enorme
interesse, as comuni-
cações apresentadas por
eminentes personalidades
e especialistas, esperamos
voltar a falar do assunto
logo que os seus textos
nos cheguem.

O segundo apontamen-

to é sobre a visita efectua-
da ao Hospital Kauniala,
uma das quatro unidades
de apoio e investigação
propriedade da Associa-
ção dos Deficientes de
Guerra da Finlândia, o
qual, tendo começado a
ser construído em 1946,
foi sofrendo sucessivas re-
novações e aumentos, o
último já em 1988 (as ou-
tras unidades da Associa-
ção são um Hospital e um
Instituto de reabilitação e
um Centro de Pesquisas
Ortopédicas). Também
sobre este assunto, espe-
ramos falar mais porme-
norizadamente noutra
ELO.

Após o encerramento
da Assembleia Geral,
realizou-se numa reunião
do Conselho Geral (50.ª),
a fim de analisar os resul-
tados do anterior encon-
tro e decidir sobre as me-
didas práticas a tomar de
imediato.

A delegação da ADFA
foi composta pelos asso-
ciados José Arruda (Pre-
sidente da Direcção Cen-
tral), Couceiro Ferreira e
António Carreiro, tendo
sido acompanhada pela
dr.ª Maria Fernanda Ma-
rinho de Castro e pelo dr.
Adérito Pinto, respectiva-
mente Directora do Servi-
ço de Estudos e Seguran-
ça Social e assessora para
a área dos deficientes mi-
litares, do Ministério da
Defesa Nacional, entida-
de que apoiou toda esta
deslocação.

O RESPEITO PELO DIREITO INTERNACIONAL

A Assembleia Geral:

1. Considerando os princípios da «Carta
das Nações Unidas», da «Declaração Uni-
versal dos Direitos do Homem» e reforço do
Direito Internacional resultante da interven-
ção da ONU na crise do Golfo;

2. considerando as resoluções da ONU
que apelam ao respeito dos direitos legíti-
mos dos povos à liberdade, à autodetermi-
nação e independência, do seu desenvolvi-
mento sem ingerência externa;

3. lembrando a Resolução 9 da 48.ª
Reunião do Conselho Geral da FMAC que
pede o respeito pelos acordos internacio-
nais subscritos;

4. considerando que certas resoluções
das Nações Unidas respeitantes a eleições
livres não são ainda levadas a cabo;

5. pede insistentemente às associações
membros para que convençam os seus
governos a que façam pressão junto da
comunidade internacional, com vista à
obtenção de um maior respeito para com as
resoluções da ONU e princípios desta orga-
nização, a fim de que cada povo seja livre
de escolher o seu destino.

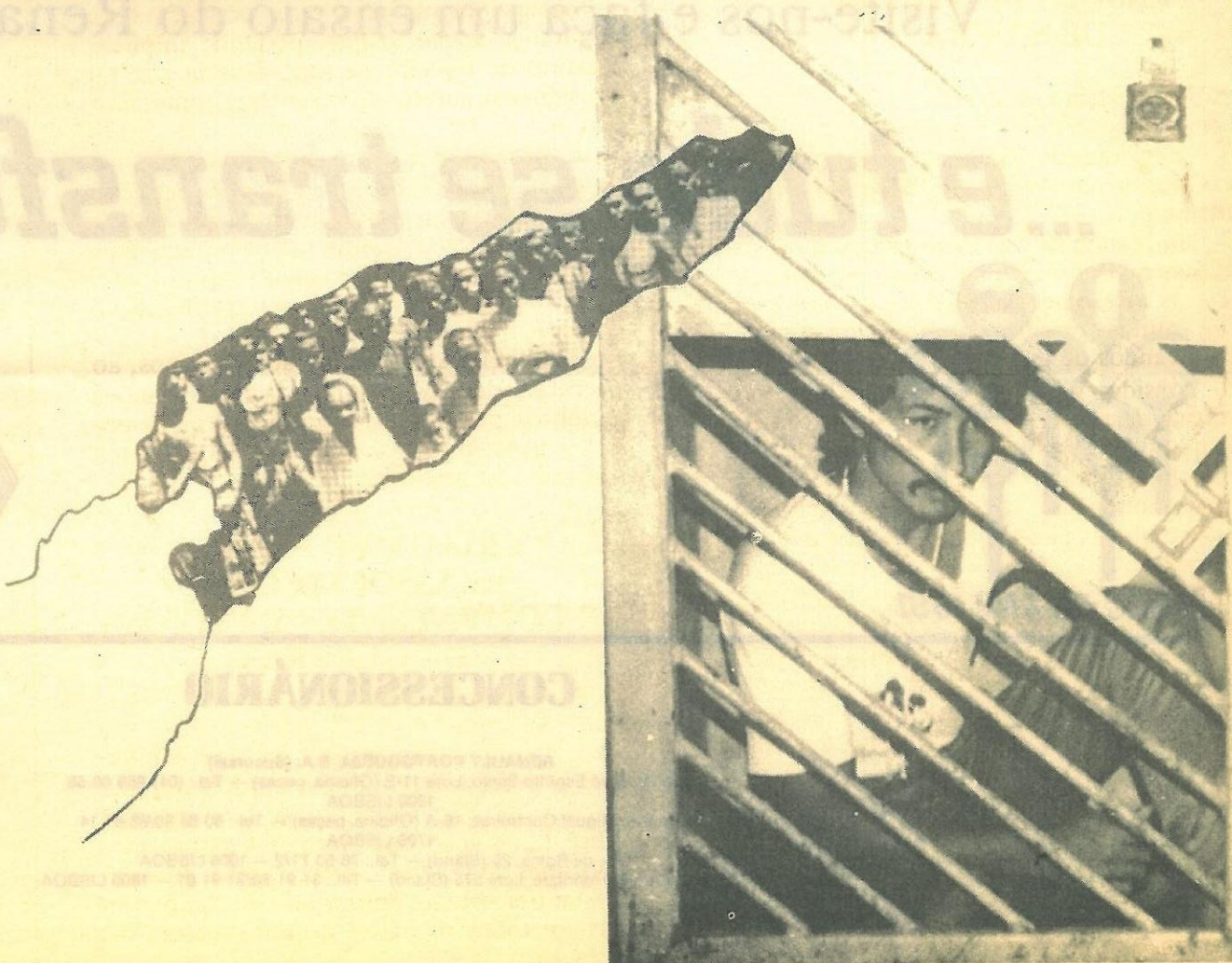


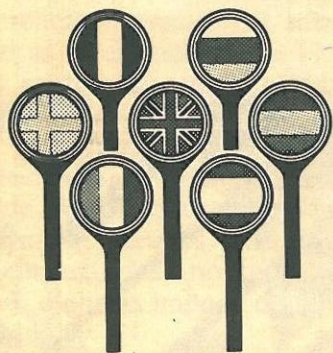
Foto cedida por «A Paz é possível em Timor Leste»



EXPERIÊNCIA VIVA

Interessado no novo Renault Clio? É compreensível.
Indeciso sobre qual a versão que mais lhe convém?
Visite-nos e faça um ensaio do Renault Clio.

...e tudo se transforma



CARRO DO ANO 1991



RENAULT
Ao Ritmo da Vida

CONCESSIONÁRIO

RENAULT PORTUGUESA, S.A. (Sucursal)
Rua Dr. José Espírito Santo, Lote 11-E (Oficina, peças) — Tel.: (01) 859 00 58
1900 LISBOA
Av. Frei Miguel Contreiras, 16-A (Oficina, peças) — Tel.: 80 84 98/88 61 14
1700 LISBOA
Av. de Roma, 25 (Stand) — Tel.: 76 50 71/2 — 1000 LISBOA
Av. Infante D. Henrique, Lote 575 (Stand) — Tel.: 31 91 30/31 91 61 — 1800 LISBOA

● DELEGAÇÕES ●

PONTA DELGADA

Núcleos do Pico e de Faial

Uma comissão desta Delegação, constituída pelo sr. António Manuel Gaspar de Carvalho e José Maria Soares, respectivamente conselheiro nacional pelos Açores e trabalhador da Delegação, deslocou-se, nos dias 7 e 8 de Setembro/91, às ilhas do Pico e do Faial, a fim de, com os Núcleos respectivos, efectuarem reuniões de trabalho.

Na ilha do Pico a reunião teve lugar na vila das Lajes do Pico, na residência do nosso associado José Leal Júnior, pelas 19 h do dia 7/9/91.

Depois da apresentação de cumprimentos por António M.G. de Carvalho, iniciaram-se os trabalhos, que constaram essencialmente de uma troca de impressões sobre diversos assuntos relacionados com os deficientes e a ADFA e da recolha de elementos e documentos para substituição de cartões de identificação da DFA e da ADME.

Findos os trabalhos, foi proporcionado pelos sócios residentes na localidade, à Comissão e restantes associados presentes, um convívio, em que foram servidos diversos petiscos e doces típicos da ilha, assim como o famoso vinho do Pico. Este convívio, que terminou pelas 23 h, foi uma ótima oportunidade para os presentes reviverem momentos passados em conjunto durante as suas co-

missões, pois que, vivendo em localidades por vezes distantes, poucas ocasiões têm de se reunir.

Na ilha do Faial a reunião teve lugar pelas 11 h do dia 8/9/91, no salão de festas da Associação Faialense de Bombeiros Voluntários.

Depois da apresentação de cumprimentos, iniciaram-se os trabalhos com uma troca de informações sobre as regalias concedidas pela ADME e outras de interesse dos associados. Por fim, recolheram-se documentos com vista à substituição dos citados cartões.



PORTO Aniversário da Delegação

Pretendendo-se comemorar, com o máximo entusiasmo associativo, o próximo aniversário da Delegação, e calhando ele este ano — 7 de Dezembro, recorda-se — a um sábado, está em estudo um cuidado plano de acções que se desenvolverá, possivelmente, também pela própria Festa de Natal.

Reuniões de sócios

Recorde-se que, como o «Elo» de Setembro publicou, a reunião de sócios, no mês de Novembro, é no sábado, dia 9, encontrando-se abertos os serviços de secretaria e cantina.

Correspondência

Do nosso associado Carlos da Silva Cruz, de Coimbra, recebemos a carta que transcrevemos, pedindo desculpa por eventuais erros ou «gralhas», já que a sua letra, e leitura, é bastante difícil, crendo, no entanto, mesmo assim, dever fazê-lo, por julgarmos ter compreendido as suas apreensões, que serão também as de outros, embora sem que necessariamente concordemos com os seus pontos de vista.

«Hoje mesmo recebi o jornal da A.D.F. Armadas e logo comecei a pensar acerca do que os Órgãos Sociais Centrais estudam na sua análise como projectos de dinamização associativa. No fundo da questão pensei, e disse para comigo, muito logicamente, vou já escrever uma carta para o ELO, porque me encontro com disponibilidade para o fazer e sei, também, que o meu bom senso ajuda, pois que nós, os loucos, perdemos tudo salvo a razão. Não sou

parvo. Já dizia Descartes no seu livro 'O discurso do método', para bem conduzir a sua razão e buscar a verdade nas ciências.

Se este discurso for demasiado longo, deve ser dividido em várias partes. Em suma e em conclusão, a primeira coisa que pretendo dizer categoricamente é que os sócios têm razão em se afastar do movimento associativo. Quando os Órgãos Centrais não manifestam 'engenho e arte' ou inteligência para mais, só nos resta um caminho. Mais vale só do que mal acompanhado. O elo quebra-se e a corrente parte. E todas as tentativas que se fazem para unir a corrente saem frustradas.

O problema fundamental não está na falta de virtude dos deficientes das Forças Armadas. O mal está no sistema quando o centralismo burocratizado não tem capacidade para ir mais além e enfrentar os problemas, solucionar a problemática e ver as realidades dife-

rentes crescer, naturalmente, quando se pretende construir algo de novo no dia a dia.

Na minha análise não quero dizer ou ver os Órgãos Centrais como um grupo de aldrabões. São músicos! É algo de vulgar e diferente. Tocam e cantam sempre o mesmo triste fado...

Ora, nós não queremos assumir o papel de coitadinho que é deficiente, ceguinho e coxo e passa a vida a mendigar favores a Suas Excelências ou a criticar a situação política actual e internacional, ou a querer tentar impor regras como princípios de Estado e que o Estado deve isto e aquilo, porque o Estado somos nós, portanto quem manda aqui somos nós.

O que diz o Editorial do ELO, como porta-voz do Órgão Central, não tem sentido lógico nenhum. Não se exprime com clareza e rigor nem torna facultativa e compreensível as finalidades do Órgão Central. É preciso ter sentido de

coordenação estratégica quando se pretende assumir uma atitude de mudança; seguramente a alteração substancial deve ser conduzida metodicamente, com princípio, meio e fim. O encanto de ser deficiente das Forças Armadas esfumou-se muito rapidamente. Para que servirá o Órgão Central do movimento associativo quando a maioria dos sócios deixaram de participar na matéria em que estão inseridos ou deixaram de existir?

Eu, por mim, nunca me identifiquei com o triste fado de ser português. O Órgão Central tem que pensar e meditar com rapidez e eficácia. Vale mais arejar o capacete, deixar cair as velhas ideias e dar lugar a novos conceitos que defendam os aspectos gerais e particulares. Construir de novo — para construir melhor.»

Carlos Pedro Veiga
da Silva Cruz
Sócio n.º 7668

SÓCIOS FALECIDOS

DESIDÉRIO JOAQUIM CABEÇA BRANCA AMEIXA, sócio n.º 1995, natural de Santiago do Escoural e residente no Monte da Chapadinha, Concelho de Montemor-o-Novo, faleceu no passado dia 5 de Março de 1991.

Sócio deficiente em acidente de viação, em serviço.

ANTÓNIO MANUEL NASCIMENTO, sócio n.º 1065, natural de Rebordelo e residente em Mem Martins, Concelho de Sintra, faleceu no passado

dia 7 de Agosto de 1991.

Sócio com 60 por cento de desvalorização sofreu o seu acidente na Guiné quando do rebentamento de mina antipessoal.

Deixa viúva a Sr.ª Dona Deolinda Maria Henriques Ferreira do Nascimento.

JUSTINO RODRIGUES, sócio n.º 5653, natural e residente em Quinta Grande, Concelho de Câmara de Lobos, faleceu no passado dia 18 de Agosto de 1991.

Sócio com 75 por cento de desvalorização sofreu

o seu acidente em Angola quando do rebentamento de mina antipessoal.

Deixa viúva a Sr.ª Dona Alexandrina Gonçalves e um filho.

GREGÓRIO MANUEL CORREIA PINTO, sócio n.º 11 457, natural de S. Bartolomeu de Messines e residente em Sítio dos Calvos, Concelho de Silves, faleceu no passado mês de Setembro de 1991.

Sócio com 30 por cento de desvalorização por acidente de serviço em Moçambique.

Deixa viúva a Sr.ª Dona

Maria de Lurdes Jacinto Guerreiro e dois filhos.

ANTÓNIO ANACLETO PINTADO, sócio n.º 1582, natural e residente em Nossa Senhora da Graça do Divor, Concelho de Évora, faleceu no passado dia 29 de Setembro de 1991.

Sócio com 2 por cento de desvalorização.

Deixa viúva a Sr.ª Dona Maria Joaquina.

Aos familiares e amigos destes nossos sócios as nossas sentidas condolências.

**NOTE BEM: LEIA ATÉ AO FIM
É DEFICIENTE FÍSICO?
QUER TRANSFORMAR A SUA VIATURA?
(QUALQUER MODELO)
COM APROVAÇÃO GARANTIDA PELA
DIRECÇÃO-GERAL DE VIAÇÃO**

— TECNOLOGIA RECONHECIDA PELA CEE —

Sabia que CLAY REGAZONNI, ex-piloto Fórmula 1 que ficou paraplégico num acidente no Grande Prémio — nos Estados Unidos — América — conduz em viaturas por nós transformadas?!

(02) 989 29 45 — RIO TINTO — PORTO
CONTACTE O «GRANDE PRÉMIO»

**É DEFICIENTE FÍSICO
E QUER TIRAR A CARTA DE CONDUÇÃO?**
CONSULTE



**ESCOLA DE CONDUÇÃO
«O GRANDE PRÉMIO»**

SERAFIM DE SOUSA E SILVA

A ÚNICA DO GÉNERO EM PORTUGAL E NA EUROPA
Rua das Perlinhas, 451-467 (junto Estação Caminhos-de-Ferro)
Apartado 44 — 4436 RIO TINTO — PORTO — (02) 989 94 02

A DISTÂNCIA NÃO É BARREIRA

Não se pisme com estas afirmações!

- Obtenha a sua carta de condução entre 5 e 10 dias.
- Se necessitar estadia, garantimos alojamento.
- Venha saber porque é que a nossa Empresa já mereceu os mais rasgados elogios da RTP, entidades do Governo e outros órgãos da Comunicação Social, por várias vezes.
- Após obtenção da sua carta de condução nesta escola, cada aluno tem ao seu dispor mais de uma centena de contos, totalmente oferecidos pelo Governo, podendo receber directamente nesta Empresa.

E ESTA, HENI SÓ NESTA EMPRESA

Inscra-se já. Oportunidade ímpar e limitada. Mais vale prevenir e encantar-se connosco. Só não tira a carta quem não tem cabeça.

**RECORTE E GUARDE ESTA NOTÍCIA
PARA SI OU PARA PESSOA AMIGA**

Viaturas RENAULT

PREÇOS NAS CORES OPACAS

EM VIGOR A PARTIR DE 91.07.15

MODELOS	PREÇO BASE	P. V. P.
Renault Clio RL 1.1 3 p	1 018 457\$00	1 401 422\$00
Renault Clio RL 1.1 5 p	1 075 257\$00	1 467 878\$00
Renault Clio RN 1.2 3 p	1 137 787\$00	1 571 997\$00
Renault Clio RN 1.2 5 p	1 195 510\$00	1 639 533\$00
Renault Clio RT 1.2 3 p	1 277 091\$00	1 734 982\$00
Renault Clio RT 1.2 5 P	1 333 751\$00	1 801 275\$00
Renault Clio RT 1.4 3 P	1 356 853\$00	1 987 518\$00
Renault Clio RT 1.4 5 p	1 414 577\$00	2 055 055\$00
Renault Clio Baccara	1 879 988\$00	2 599 586\$00
Renault 19 TR 5 p	1 385 414\$00	1 899 418\$00
Renault 19 GTS 5 p	1 495 002\$00	2 154 417\$00
Renault 19 GTS 5 p	1 719 892\$00	2 417 538\$00
Renault 19 TR Drive	1 403 006\$00	1 920 000\$00
Renault 19 GTS Dynamic	1 528 223\$00	2 193 286\$00
Renault Chamade TR	1 399 130\$00	1 915 466\$00
Renault Chamade GTS	1 524 561\$00	2 189 001\$00
Renault Chamade TSE	1 753 955\$00	2 457 392\$00
Renault TR drive	1 416 681\$00	1 936 000\$00
Renault 21 GTI Bicorpo	1 809 875\$00	2 528 838\$00
Renault 21 GTL Tricorpo	1 809 875\$00	2 528 838\$00
Renault 4 GTL	938 986\$00	1 308 441\$00
Renault 4 TL Savane	840 634\$00	1 130 002\$00
Renault Express Combi, 5 lug.	1 270 186\$00	1 704 720\$00
Renault Express Hobby	1 369 044\$00	1 820 384\$00

VIATURAS EQUIPADAS COM CAIXA AUTOMÁTICA

Renault 19 GTS	1 739 660\$00	2 423 082\$00
Renault 19 TSE	1 959 928\$00	2 680 795\$00
Renault — Clio Baccara	2 050 988\$00	2 810 186\$00

Transferência+Transportes=
Renault 4 — 17 980\$00; Renault Clio — 17 980\$00; Renault 19 — 22 480\$00; Renault Chamade — 22 480\$00; Renault 21 — 22 480\$00; Renault Express, 22 480\$00.

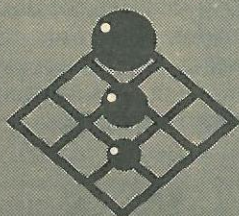
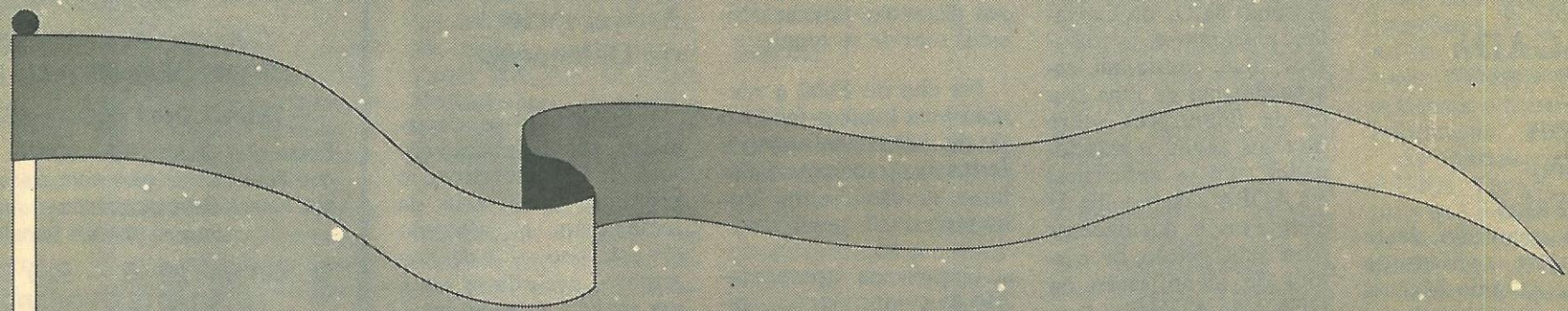
NOTA: Os preços aqui apresentados não contemplam as cores metalizadas. As cores metalizadas variam entre os 19 891\$00 e os 30 817\$00.

VENDAS ESPECIAIS PARA DEFICIENTES

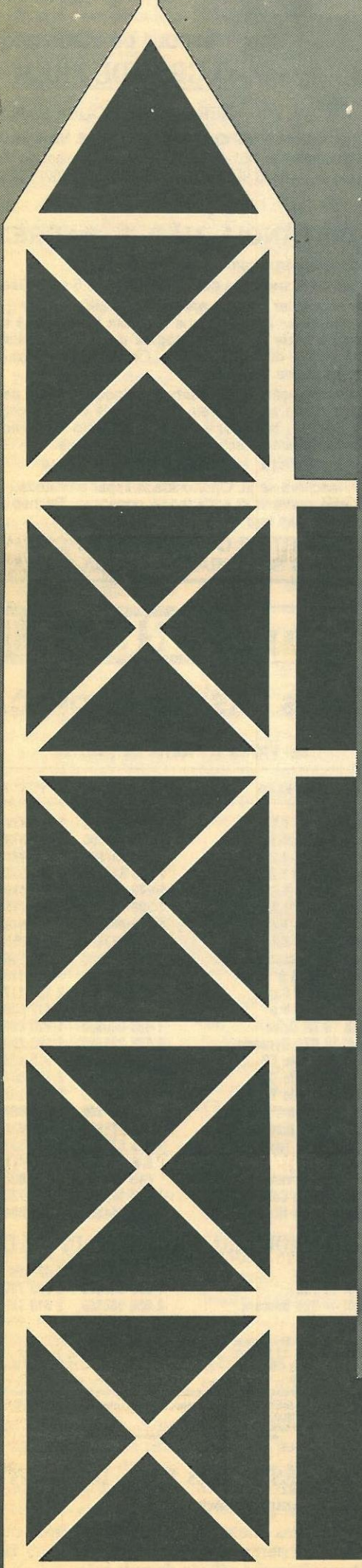
Atendimento aos sócios:

Sede: dias úteis, das 16 às 18 horas, ou na residência, a partir das 19 horas (Telef. 443 19 51);
Porto: Primeiro sábado de cada mês;
Outras Delegações: de acordo com os pedidos.

Delegado de vendas: Sr. Bernardes



**FEIRAS E CONGRESSOS
EXPONOR**



AJUTEC' 91

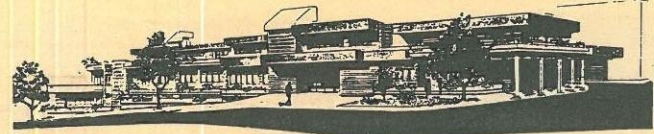
1ª FEIRA INTERNACIONAL DE AJUDAS TÉCNICAS E
NOVAS TECNOLOGIAS

**PORTO
PORTUGAL**

6 A 10 DE DEZEMBRO

ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUENSE - DIVISÃO DE FEIRAS E EXPOSIÇÕES ·
EXPONOR - FEIRA INTERNACIONAL DO PORTO 4450 MATOSINHOS
TELEFS. (02) 9961569 / 9961495 - 10 LINHAS - FAX: (02) 995 74 99 - TELEX: 28751





Cresce, melhor, já que, na realidade, crescer não cresce mais, avança a excelente ritmo a construção da nova Sede da ADFA. E com ela as vontades e ansiedades por uma inauguração que se pretende enquadrar no âmbito das comemorações do 18.º aniversário da Associação, bem como do 2.º da União de Antigos Combatentes de Portugal, Angola, Moçambique e Guiné-Bissau.

Não há dúvida que se tal perspectiva é aliciante, é também desafiadora da capacidade de todos nós, na medida em que muito há ainda para fazer e conseguir. Sabemos que, porque se estará agora no tempo justo, a Comissão de Fundos, com reuniões semanais, projecta, e iniciou mesmo já, toda uma série de contactos com diversas entidades com vista a apoios e patrocínios para o que está para além do edifício/esqueleto da Sede, falando-se, ainda de concursos, sorteios, exposições, espectáculos, etc., etc.

É assim que, dentro deste quadro de entusiasmo, ELO apela a todos os seus leitores e amigos para que reforcem, ou iniciem, o seu contributo à campanha que continua nas nossas colunas.

Transporte (SET. 91) 8 530 138\$20

SÓCIOS

N.º	NOME	QUANTIA
(Sede)		
8 853	António J. A. Ramos	10 000\$00
7 785	José A. S. Barbosa	10 000\$00
9 638	Abubacri D. Baldé	20 000\$00

11 359	Armando P. A. Videira	10 000\$00
3 160	Francisco M. S. Maximiano	10 000\$00
297	Alberto J. P. S. Urbano	20 000\$00
5 997	Adelino J. M. M. Barros	1 150\$00
7 390	Manuel C. Graça	5 000\$00
4 886	Anónimo	5 000\$00
4 288	José A. G. Pinto	5 000\$00
12 128	Manuel S. Fernandes	2 000\$00
7 472	Francisco Teixeira	2 000\$00
6 555	Henriques G. Brás	2 300\$00
991	Francisco L. Silva	2 000\$00
9 336	António R. Gago	5 000\$00
65	Luis B. S. Ribeiro	5 000\$00
3 819-P	José A. F. E. Silveira	5 000\$00

(Faro)

1 533	José M. Raimundo	5 000\$00
7 617	Amadeu P. Guerreiro	5 000\$00

(Porto)

10 765	Fernando A. M. Fachada	3 300\$00
12 322	Manuel S. Pereira	1 000\$00
5 530	António Manuel	5 000\$00
5 249	Florindo C. Costa	1 500\$00
8 503	Rafael M. Barbosa	10 000\$00
5 093	Augusto L. N. Pereira	2 000\$00

(Setúbal)

6 001	Albertino S. Lopes	3 000\$00
8 248	João H. L. Candeias	5 000\$00
5 372	Leonel J. Rosa	1 000\$00

N/SÓCIOS

(Sede) Sara Oliveira

1 000\$00

A transportar (OUT. 91) 8 692 388\$20

ADFA presente no Porto/EXPONOR: Capital, em Dezembro de 91, da reabilitação e das novas tecnologias para deficientes

De 6 a 10 de Dezembro próximo convergirão para o Porto, mais concretamente para a EXPO-NOR, em Matosinhos, todas as atenções de quem se interessa, quaisquer que sejam as suas razões, por deficiência, reabilitação, integração e/ou, paralelamente, por ajudas técnicas e novas tecnologias para pessoas deficientes.

De facto, irão decorrer, naquele espaço, quer a AJUTEC'91 - 1.ª Feira Internacional de Ajudas Técnicas e Novas Tecnologias quer a exposição REABILITAÇÃO 90-91, iniciativas a que se juntarão, no âmbito das comemorações do Dia Nacional do Deficiente — 9 DEZ —, sessões informativas sobre o programa HELIOS/CEE, um seminário sobre «Desinstitucionalização e autonomia», para além de workshops e diversas acti-

vidades de animação, num vasto programa coordenado pelo Secretariado Nacional de Reabilitação e que conta com o apoio e participação de várias entidades, nomeadamente da ADFA.

Na realidade, e em especial no que refere à AJUTEC'91, a ADFA/Delegação do Porto, fazendo parte, conjuntamente com outras organizações afins, do grupo «Ajudas técnicas/novas tecnologias» criado pelo SNR em Maio de 1987 no âmbito do «Projecto Distrito» do Porto, participou activamente no estabelecimento dos seguintes objectivos, competindo-lhe a coordenação geral dos respectivos trabalhos:

— conjugar e articular esforços entre as diversas instituições e serviços na área da deficiência;

— inventariar os recursos existentes relativamente às «ajudas técnicas» e definir um plano global articulado que satisfaça as necessidades da região;

— contribuir para a definição dos mecanismos de revisão e actualização das tabelas de comparticipação financeira para aquisição de «ajudas técnicas»;

— elaborar uma proposta para a realização de uma feira de «ajudas técnicas».

E é na procura de concretização deste último ponto, que se contacta a Associação Industrial Portuense, entidade que, atenta às insuficiências na oferta de produtos e serviços necessários à elevação da qualidade de vida do cidadão português, reconheceu a importância de desenvolver a indústria e comércio de produtos para adaptação do deficiente, tendo patrocinado, através da sua Divisão de Feiras e Exposições, e

em colaboração com o grupo citado, a realização da AJUTEC'91, na qual manifestaram logo interesse em participarem várias empresas e associações, não só de países europeus como também, por exemplo, da Índia, e dos EUA.

Neste certame, o Centro de Reabilitação disporá de um pavilhão com cerca de 54 m², onde serão mostrados o trabalho e realidades presentes, lado a lado com o que se projecta para o futuro.

Do mesmo modo, reservando-se, na área da exposição REABILITAÇÃO 90-91, um sector para as ONG — Organizações Não Governamentais, também aí a nossa Associação, tal como o fez o ano passado na FIL, por ocasião desta mesma efeméride, montará um painel apresentador dos seus objectivos, finalidades e actividades.

Viaturas OPEL

MOD.	PREÇO BASE	P.V.P.
CORSA		
SW 1.0S 3P	1 000 310\$00	1 346 885\$00
SW 1.2NV 3P	1 075 110\$00	1 532 353\$00
SW 1.2NV 4P	1 146 310\$00	1 615 657\$00
SW 1.2NV 5P	1 125 210\$00	1 590 970\$00
GL 1.2NV 3P	1 155 270\$00	1 626 140\$00
GL 1.2NV 4P	1 207 170\$00	1 686 863\$00
GL 1.2NV 5P	1 189 770\$00	1 666 505\$00
GL 1.4NV 5P	1 219 970\$00	1 847 908\$00
JOY 1.4NV 3P	1 321 320\$00	1 966 487\$00
SW 1.5D 4P	1 386 010\$00	2 127 310\$00
SW 1.5D 5P	1 374 710\$00	2 114 089\$00
ASTRA		
GL 1.4 NZ 3P (60 CV)	1 454 600\$00	2 122 425\$00
GL 1.4 NZ 5P (60 CV)	1 497 300\$00	2 172 384\$00
GL 1.4 SE 5P (82 CV)	1 569 100\$00	2 256 390\$00
GL 1.4 SE 5P (82 CV)	1 702 500\$00	2 412 468\$00
GT 1.4 SE 3P	1 753 800\$00	2 472 489\$00
GT 1.4 SE 5P	1 796 500\$00	2 522 448\$00
GL 1.7D 5P	1 653 200\$00	2 752 394\$00
GLS 1.7TD 5P	1 955 800\$00	3 106 436\$00
GT 1.7TD 3P	2 007 100\$00	3 166 457\$00
GT 1.7TD 5P	2 049 800\$00	3 246 293\$00
GL 1.4NZ 5P (Caravan)	1 599 900\$00	2 292 426\$00
GLS 1.4SE 5P (Caravan)	1 796 965\$00	2 522 448\$00
CLUB 1.4SE 5P (Caravan)	1 873 400\$00	2 612 421\$00
GL 1.7D 5P (Caravan)	1 755 800\$00	2 872 436\$00
GLS 1.7TD 5P (Caravan)	2 049 800\$00	3 216 416\$00
CLUB 1.7TD 5P (Caravan)	2 126 700\$00	3 306 389\$00
VECTRA		
GL 1.4 NV 4P	1 828 500\$00	2 559 888\$00
GL 1.4 NV 5P	1 874 600\$00	2 613 825\$00
GL 1.7D 4P	2 185 200\$00	3 374 834\$00
GL 1.7D 5P	2 231 400\$00	3 428 888\$00
GLS 1.7TD 4P (Diamond)	2 715 500\$00	3 995 265\$00
GLS 1.7TD 5P (Diamond)	2 758 200\$00	4 045 244\$00

AUTOMÓVEIS FIAT

MOD.	PREÇO BASE	P.V.P.
UNO 45-3P	970 525\$00	1 286 764\$00
UNO 45S-3P	1 060 268\$00	1 391 764\$00
UNO 45S-5P	1 129 499\$00	1 472 764\$00
UNO 60S-3P	1 088 213\$00	1 477 764\$00
UNO 60S-5P	1 152 315\$00	1 552 764\$00
UNO 60 SX	1 256 589\$00	1 674 764\$00
UNO DIESEL 3P	1 231 259\$00	1 758 764\$00
UNO TURBO DIESEL 5P	1 603 261\$00	2 250 763\$00
TIPO 1.1	1 321 546\$00	1 750 764\$00
TIPO 1.4	1 420 099\$00	2 040 764\$00
TIPO 1.7D	1 469 404\$00	2 509 764\$00
TEMPRA 1.4 SX	1 673 518\$00	2 337 264\$00
TEMPRA 1.4 (Carrinha)	1 732 065\$00	2 405 764\$00

AUTOMÓVEIS VOLKSWAGEN E AUDI

MOD.	PREÇO BASE	P.V.P.
GOLF CL 1.3 4 P	1 401 291\$00	1 916 999\$00
GOLF CL 1.3+4 P	1 720 950\$00	2 291 000\$00
GOLF CLD 1.6 4 P	1 893 501\$00	2 940 000\$00
GOLF CLTD+1.6 4 P	2 395 210\$00	3 527 000\$00
JETTA CL 1.3	1 491 890\$00	2 023 000\$00
JETTA CLD 1.6	1 953 992\$00	3 010 775\$00
JETTA CLTD 1.6	2 448 201\$00	3 589 000\$00
PASSAT CLTD 1.6	2 802 048\$00	4 003 000\$00
PASSAT VAR CLTD 1.6	3 032 818\$00	4 273 000\$00
AUDI 80 TD 1.6	2 513 500\$00	3 665 399\$00

— Os valores acima expostos, não contemplam as despesas do despachante no desalfandegamento da viatura, excepto para a marca Opel.

Os sócios interessados nestas viaturas podem telefonar para 859 50 16 a partir das 19H30, Alberto Pinto.

Outras informações nas horas de expediente: 346 21 67/8.

SEDE

ASSISTÊNCIA MÉDICA E PSICOSSOCIAL

CLÍNICA GERAL

Médico: sócio dr. Fernando Brito Terças e sextas-feiras, às 13 horas

PSIQUIATRIA

Médico: dr. Proença Terças-feiras, às 12 horas.

PSICOLOGIA — «Stress de guerra»

dr.ª Paula Frazão Terças, Quartas e Sextas-feiras, 10/12 h.

ORIENTAÇÃO ESCOLAR E PROFISSIONAL

dr.ª Cecília Pires e Paula Frazão Quartas-feiras, 9/12.30-14/18 h.

SERVIÇO SOCIAL

Técnica de Serviço Social: dr.ª Gracinda Benedito Segundas e Quartas-feiras, 14.30/17.30 h.

Outros Serviços

SERVIÇOS GERAIS E EXPEDIENTE:

Segundas a sextas-feiras, das 09H00 às 12H30 e das 14H00 às 18H00

BAR E CANTINA

Segundas a sextas-feiras 10H10/10H30 (só pequenos-almoços); 12H30/18H00

SECÇÃO FOTOGRÁFICA:

Horário normal de expediente a cargo do sr. João Domingos (Recepção)

CENTRO DE REABILITAÇÃO DA ADFA

Porto

Serviços Disponíveis

— Apoio Social

- Informações gerais

- Primeiro contacto com utentes

- Encaminhamentos dr.ª Manuela Bessa

- Consulta Psicológica dr.ª Maria Jorge

- Promoção de Emprego Vítor Pinto

— Reabilitação Funcional

- Prótese e ortóteses

- Consultas de Fisiatria

- Consulta de Clínica Geral

- Fisioterapia e Terapia Ocupacional

- Consulta de Psiquiatria

- Marcações:

- dr.ª Helena Soeiro

• As consultas efectuem-se todas no consultório médico da Sede.
 • As marcações são feitas do DASC., 1.º andar, por Luísa Braga, devendo o sócio indicar objectivamente qual a consulta que pretende, ou informar-se dos serviços prestados por cada uma. Poderá também fazer a marcação pelo telefone 346 21 67/8.
 • As consultas de «stress de guerra» e as sessões de Orientação Escolar e Profissional (estas destinadas a filhos de sócios), estão sujeitas a marcação prévia, a qual deve ser feita directamente pelo telefone 32 62 47.

JORNAL ASSOCIATIVO

ANIVERSÁRIO DO



ÓRGÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS DEFICIENTES DAS FORÇAS ARMADAS



Comemorar-se-á, no próximo dia 23 de Novembro, o 17.º aniversário do nosso jornal.

Neste ano entende-se alargar, em tal efeméride, a reflexão, para além da área informativa que ao ELO está subjacente, também sobre a realidade que constitui a futura Sede nacional da ADFA.

No dia 22 (6.ª-feira), pelas 18 horas, realizar-se-á um colóquio/debate, na actual Sede, com a presença, entre outras entidades, de elementos da Comunicação Social e de representantes de organizações de e para deficientes, para o qual, subordinado ao tema «A Informação, a deficiência, a reabilitação», se espera larga participação de sócios.



No dia 23 (sábado), grande encontro associativo vai ter lugar, pelas 10 horas, na futura Sede,

onde serão prestadas, a todos os presentes, entre os quais esperamos ver grande número de sócios das Delegações e Núcleos de todo o País, informações e esclarecimentos sobre a construção, funcionalidade e aproveitamento do futuro espaço.



Pelas 13 horas, seguir-se-á, no Palácio da Independência, um almoço-convívio para o qual se aguardam, desde já e até ao dia 19 de Novembro (inclusive), inscrições de associados, familiares, amigos e trabalhadores da ADFA (— inscrições na Sede [DASC e Secretaria] e nas Delegações).

A ADFA, e o ELO, esperam que esta comemoração constitua uma das grandes jornadas associativas de que a Associação se tem feito jus e que o III Congresso preconizou.

Reuniões de sócios na Sede

Conforme anunciado nesta secção, em Setembro passado, realizou-se, no dia 17 do corrente, uma reunião de sócios onde foram prestadas, pela DC, informações sobre os vários temas propostos, tendo-se assistido a um animado debate entre os presentes, com maior incidência sobre os serviços da Sede que, por demasiado burocratizados e com horários pouco flexíveis, têm, eventualmente, criado algumas dificuldades, quer aos associados quer à própria organização. Assim, reco-

nheceu-se a importância de reformular alguns departamentos de modo a que, na nova Sede, tais inconvenientes sejam ultrapassados, sensibilizando os sócios para uma maior utilização e melhor aproveitamento do possibilitado e oferecido pelas futuras instalações.

Em Novembro, dado o, também anunciado neste «jornal», programa de aniversário do ELO, considerar-se-á a participação em tal efeméride como a reunião associativa do mês.

Festa da Natal da Sede



Realizar-se-á no domingo, 15 de Dezembro, nas instalações do Lar Militar, o tradicional convívio de Natal, dedicado a sócios, trabalhadores e respectivas famílias.

Tal encontro, cujo programa o «jornal associativo» melhor explicitará na

sua próxima edição, além de algumas surpresas, constará, para quem quiser, de uma visita à construção da futura Sede, que antecederá o almoço, para o qual se aceitarão inscrições, com pagamento imediato, de 27 de Novembro a 10 de Dezembro.

Quotas

Devido a um inesperado problema técnico, afi- enviadas as instruções para a implementação do sistema, facultativo, de pagamento de quotas por desconto bancário.

Assim, só na edição de Novembro, ELO prestará as informações complementares que se julguem de interesse para melhor esclarecimento dos associados.

Reunião de Órgãos Sociais Centrais

Tal como o ELO divulgou na sua edição anterior, e conforme deliberação tomada na reunião aí noticiada, voltaram a encontrar-se, no dia 26 p.p., os Órgãos Sociais Centrais (OSC), a fim de definirem a metodologia e a composição das equipas de trabalho que se deslocarão, no mês de Novembro, para contactos com os elementos dirigentes de todas as Delegações.

Foi feita exaustiva explanação e aprofundada discussão de toda a extensa lista de temas a desenvolver nos encontros a realizar com os órgãos sociais regionais que, acompanhada de documentação específica, permitiu perfeita sintonia e actualizado conhecimento dos presentes, no sentido de uniformidade na informação a transmitir e receber, e que se pretende seja

elemento fulcral para a consecução da grande aposta da ADFA de promover, a nível nacional, grande dinamização e participação associativas, e sensibilização, perante as realidades sociais envolventes, dos fins e objectivos que defendemos nas áreas regional, nacional e internacional.

As jornadas a levar a efeito (ver calendário e mapa juntos) versarão, assim, os seguintes grandes temas:

— construção da nova Sede;

— legislação relativa aos deficientes militares e viúvas;

— relacionamento da ADFA com instituições congêneres e organismos públicos;

— revisão dos Estatutos;

— orçamento para 1992 e gestão de pessoal;

— informação, divulgação e participação associativa, e

— participação da ADFA em organismos internacionais.



COLABORANDO

E PARTICIPANDO

ENGRANDECES A ADFA

E PERSPECTIVAS

O TEU FUTURO!

Calendário:

9 NOV — Órgãos Sociais Centrais nas Delegações do Porto (mais Bragança e Vila Nova de Famalicão), Coimbra e Castelo Branco (mais Viseu);

16 NOV — Órgãos Sociais Centrais nas Delegações de Setúbal (mais Évora), Faro e Ponta Delgada;

22 NOV — Aniversário

do ELO — colóquio na Sede («A Informação, a deficiência, a reabilitação»);

23 NOV — Órgãos Sociais Centrais na Delegação do Funchal (nota: poderá haver troca de datas com a deslocação a Ponta Delgada);

— Aniversário do ELO — visita à nova Sede e almoço-convívio

no Palácio da Independência;

7 DEZ — Aniversário da Delegação do Porto;

15 DEZ — Festa de Natal da Sede.

Nota: embora não sendo uma data «associativa», não queremos deixar de assinalar, desde já, o dia 9 DEZ — Dia Nacional do Deficiente —, as comemorações do qual

terão maior destaque no Porto, dado que se realizam aí, por essa altura (6/DEZ), na EXPONOR, a «AJUTEC'91 — 1.ª Feira Internacional de Ajudas Técnicas e Novas Tecnologias», assim como a exposição «Reabilitação 90-1991», participando a ADFA, quer numa quer noutra (ver mais notícias noutra local deste ELO).